



SOBRE COLEÇÕES E LUGARES: O CASO DAS FORMAÇÕES X-TECA DO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO

Por:

Camila Nunes de Melo  
Aluno(a) do Curso de Mestrado em Língua Portuguesa  
(Programa de Letras Vernáculas)

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
1º semestre de 2017

SOBRE COLEÇÕES E LUGARES: O CASO DAS FORMAÇÕES X-TECA DO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO

Por:

Camila Nunes de Melo  
Aluno(a) do Curso de Mestrado em Língua Portuguesa  
(Programa de Letras Vernáculas)

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas.

Orientador: Prof. Doutor Carlos Alexandre Victório Gonçalves

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
1º semestre de 2017

SOBRE COLEÇÕES E LUGARES: O CASO DAS FORMAÇÕES X-TECA DO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO

Camila Nunes de Melo

Orientador: Prof. Doutor Carlos Alexandre Victorio Gonçalves

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

---

Prof. Doutor Carlos Alexandre Victorio Gonçalves -UFRJ, Orientador

---

Profa. Doutora Neide Higino da Silva- USU

---

Profa. Doutora Katia Emmerick Andrade -UFRRJ

---

Profa. Doutora Ana Paula Victoriano Belchor –UFRJ, Suplente

---

Prof. Doutor Vítor De MouraVivas –IFRJ, Suplente

---

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
1º semestre de 2017

## AGRADECIMENTOS:

Aos meus pais, Marcia Nunes Pimentel de Melo e Denizar Cordeiro de Melo, que muito contribuíram para a minha formação, não só como pessoa, mas também no âmbito acadêmico, uma vez que me ofereceram todos os subsídios emocionais e financeiros para entrar e permanecer na UFRJ. Vocês são o grande amor da minha vida.

À minha querida avó, Maria Nunes Pimentel, que descansou antes de conseguir ver a neta alcançar mais essa conquista, mas que muito ajudou para que eu conseguisse estar onde hoje estou e a toda minha família, que vibrou e chorou em cada momento da minha vida. Vocês me mantêm de pé.

Ao amigo, conselheiro, psicólogo, orientador e professor Carlos Alexandre Victório Gonçalves, por ter me dado a oportunidade de poder levar a fundo os meus estudos, por acreditar em mim, quando ninguém mais acreditava, por ter me ensinado a ser uma estudante melhor, por ter perdoado os meus atrasos, por ter me orientado nas férias e por ter consolado em todos os momentos em que senti borboletas no estômago por conta vida acadêmica. Você é a minha grande inspiração.

Às minhas amigas, Mariana Braga e Laize Oliveira por entrarem nessa empreitada comigo, muito embora em áreas diferentes, e por dividirem as angústias e as alegrias que o mestrado pode trazer. Vocês são a certeza do riso e do acalento.

Aos professores da UFRJ que, com todo brilhantismo, esforço e paciência, muito me ensinaram e permitiram que eu me tornasse a profissional que hoje eu sou. Vocês contribuíram de forma muito positiva da minha formação.

Aos meus alunos do Sistema Elite de Ensino Caxias que participam gratuitamente e com bastante alegria, jovialidade e humor dos testes dos quais eu precisava para que a pesquisa progredisse. Vocês me ensinaram a ensinar.

A Deus, por estar comigo a todo momento, por me fortalecer, por me dar saúde e tranquilidade para continuar lendo, pesquisando, escrevendo, reescrevendo cada parágrafo deste trabalho. É ele quem mantém a minha esperança.

Nada se conquista sozinho e com vocês tive a certeza disso. O findar deste trabalho não é uma vitória apenas minha, mas também de todos os citados e homenageados acima. Meu muito obrigada, de todo o coração, vocês foram incríveis!

## **SINOPSE**

Análise do Estatuto Morfológico do Formativo *-teca* segundo a Proposta *Continuum*. Descrição da composição neoclássica. Atributos de *-teca* como radical e propriedades como sufixo. Análise de construções *X-teca* como casos de cruzamento vocabular.

|

|

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO   | 11 |
| 2. MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A CHAMADA COMPOSIÇÃO NEOCLÁSSICA(CN)                     | 15 |
| 2.1 Análise da CN em diferentes línguas   | 16 |
| 2.2 Descrição da CN com foco no português   | 25 |
| 2.3 Considerações finais sobre a CN   | 29 |
| 3. APORTE TEÓRICO PARA A ANÁLISE DAS FORMAÇÕES X-TECA                               | 31 |
| 3.1 As várias propostas de continuum composição-derivação na literatura morfológica | 31 |
| 3.2 O continuum de tipos morfológicos   | 40 |
| 4. ANÁLISE DAS FORMAÇÕES X-TECA À LUZ DE UMA ABORDAGEM GRADIENTE                    | 44 |
| 4.1 Por que fazer uma análise gradual?  | 44 |
| 4.2 Revisão da literatura tradicional sobre <i>-teca</i>                            | 46 |
| 4.3 Considerações sobre os tecnicismos <i>X-teca</i>                                | 48 |
| 4.4 Aplicação dos critérios a <i>-teca</i>  | 50 |
| 4.5 Ainda sobre significado: <i>-teca</i> em cruzamento vocabular                   | 66 |
| 5. PALAVRASFINAIS   | 71 |
| 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS   | 73 |
| 7. ANEXO 1  | 77 |
| 8. ANEXO 2  | 84 |



## RESUMO

Sobre coleções e lugares: o caso das formações *X-teca* do português brasileiro

*Camila Nunes de Melo*

*Orientador:*

*Carlos Alexandre Victório Gonçalves*

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa, Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro -UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em língua portuguesa Letras Vernáculas.

*Este trabalho visa a defender que os processos de formação de palavras, composição e derivação devem ser analisados de forma gradual, a partir da análise do elemento -teca. Acredita-se que esse formativo, apesar de ser tradicionalmente classificado como um elemento da composição, mormente da composição neoclássica, ganhou algumas características de afixo como, por exemplo, o fato de estar sempre alocado na segunda posição, tendo um posicionamento fixo na estrutura da palavra. Além dessa característica, este trabalho procura definir quais são as demais características de afixo que o formativo adquiriu e quais são as características de radical que o item mantém. O fenômeno que acontece com essa unidade morfológica corrobora uma análise escalar entre os processos já citados.*

Palavras-chave: formação de palavras; elementos neoclássicos; derivação; composição.

## ABSTRACT

About collections and places: the case of Brazilian Portuguese X-teca formations

*Camila Nunes de Melo*

*Orientador:*

*Carlos Alexandre Victório Gonçalves*

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Língua Português, Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro -UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em língua portuguesa Letras Vernáculas.

*This paper aims to defend that the processes of word formation, compounding and derivation, should be analyzed in a gradual way, from the analysis of the element -teca. It is believed that this element, although traditionally classified as an element of the compounding, has earned some affix features, for example, the fact that -teca is always allocated in the second position, having this as a fixed positioning. Besides this characteristic, this work seeks to define what are the other characteristics of the affix that the formative acquired and what are the radical characteristics that the item maintains. The phenomenon that happens with this item corroborates for a scalar analysis between the processes already mentioned*

**KEYWORDS:** *word formation; neoclassical elements; derivation; compounding.*

## 1. INTRODUÇÃO

A primeira pergunta que se faz ao ler um trabalho como este é questionar qual sua relevância. Para alguns, estudar apenas um formativo e, além disso, criar toda uma dissertação sobre ele pode parecer um tanto exagerado. Para esses, talvez pouco informados sobre o assunto, estudar apenas um formativo e observar suas especificidades pode parecer um trabalho sem muita novidade, visto que diversos autores já fizeram algo parecido, como Caetano (2010 a), Gonçalves (2011b), Tavares da Silva (2013), Oliveira (2013), Pires (2014) e Higino da Silva (2016).

O formativo *-teca*, que será estudado neste trabalho, faz jus à Dissertação, assim como todos os outros formativos mencionados nos trabalhos supracitados, justamente porque é mais um desses elementos categorizado de forma aleatória, sem que haja um perfil traçado para o item, criando uma incompatibilidade entre o comportamento do elemento e a categoria a que foi tradicionalmente enquadrado.

Essa afirmação não só justifica a quantidade de trabalhos similares, mas também torna indispensável a necessidade de se estudar a fundo cada formativo categorizado como radical neoclássico, com o fim de analisar se realmente esse elemento pode estar em tal categoria ou se, por algum motivo, sua categorização deveria ser, no mínimo, relativizada.

Ao fazer uma pequena revisão teórica, pode-se observar que cada um desses elementos merece tratamento particular, uma vez que fatores como a época de entrada na língua, a produtividade, as bases a que se adjungem, questões fonológicas que suscitam, atualizações de significado etc. fazem com que se comportem de maneiras muito distintas uns em relação com os outros, o que culmina em uma desconfiança sobre a alocação de formativos tão díspares em uma mesma classe.

Os chamados radicais de segunda posição (ou radicais eruditos de margem direita), classe da qual *-teca* faz parte, são um bom exemplo desse problema. Algumas dessas palavras entraram no português via língua-mãe, o latim, na própria constituição histórica do português, enquanto outras entraram em momentos tardios

em que se recorre ao latim e ao grego, no Renascimento (sécs. XV, XVI), com o propósito de nomear fenômenos científicos (final do séc. XIX e início do séc. XX). Esse fato dificulta a definição se foram incorporados à língua ou se são meros empréstimos.

Vários desses elementos sofreram atualizações, especializações em seus significados, que afetaram não só as formas a que esses radicais passaram a se unir, como também o processo do qual passaram a participar: se ainda composição neoclássica, se recomposição, afixação ou, até mesmo, algum processo não concatenativo, como o cruzamento vocabular.

Sendo assim, esses elementos que figuram na segunda posição participaram não só de momentos históricos diferentes no contato com a língua portuguesa, mas também de construções distintas com fins também distintos. Mesmo sabendo das discrepâncias que tais formativos podem apresentar, dada as informações anteriores, esses itens não foram tratados, na literatura, da forma particular que necessitavam, sendo colocados em um mesmo esquema de formação de palavras que não necessariamente corresponde ao seu perfil.

Tradicionalmente, o que se observa é que esses elementos são categorizados como radicais de segunda posição, que participam, portanto, do processo de formação de palavras denominado composição neoclássica, a exemplo de *herbívoro*, *ungicida*, *anglófilo*). No entanto, como definir como radical um elemento que não se atualiza como palavra, a exemplo de *-dromo*? Como definir como radical um elemento que tem uma posição pré-definida na estrutura da palavra, como *tele-*? Esses são simples exemplos de um universo de formativos que foram unidos em uma mesma categoria, mas que muitas vezes não compatibilizam com ela e são extremamente diferentes entre si.

Esse fato fez com que diversos autores elegeassem uma partícula, com o objetivo de traçar um perfil mais compatível para as idiossincrasias que cada um desses elementos apresenta e, além disso, adequar, a partir dessa análise, o formativo ao processo de formação de palavras que mais combina com suas características, à luz de uma base teórica apropriada.

Na revisão teórica do presente trabalho, será observado que muitos desses elementos são encontrados em diversas línguas. Contudo, não se comportam de maneira similar e muito menos são categorizados da mesma forma nas diversas línguas em que figuram. Ademais, constata-se que a própria literatura revisada não chega a um consenso sobre qual seria a melhor maneira de nomear esses “radicais”, uma vez que essa escolha pressupõe a adoção de um ponto de vista sobre qual é o processo que dá suporte para a formação de palavras que contenham elementos greco-latinos: afixoides, raízes de fronteira, formas combinatórias etc.

Inserida na linha de estudos sobre os elementos neoclássicos em português, desenvolvida no âmbito do NEMP (Núcleo de Estudos Morfológicos do Português), a presente investigação aborda as formações *X-teca* e procura, como objetivo geral, verificar se, principalmente em novas formações, ainda faz sentido que esse formativo seja classificado como radical de segunda posição, segundo visões presentes em gramáticas normativas.

Interessa a este trabalho também, pensando em objetivos mais específicos, investigar quais foram os momentos históricos por que passaram as formações *X-teca* em português, se as formações mais antigas são transparentes, se há condições de isolabilidade das partes, em que momento *-teca* passou a ser mais produtivo na língua, se hoje em dia essas formações podem ser consideradas eruditismos, entre outras questões.

Para tanto, o presente texto será dividido em quatro partes. A primeira diz respeito a uma retomada teórica sobre o que os autores têm dito sobre os chamados compostos neoclássicos, suas novas denominações, entre tantos outros questionamentos que já foram feitos sobre essa classe, tanto em outras línguas, quanto em português.

A segunda parte deste trabalho procura revisar o que os autores andam comentando sobre o comportamento da Composição Neoclássica em línguas estrangeiras e em português, a fim de esclarecer como esse processo está sendo conduzido atualmente na descrição das línguas.

A terceira parte trata do aporte teórico que inspirou a elaboração desta Dissertação, uma vez que este trabalho tenta justificar uma análise gradual entre os processos de formação de palavras em português e, além disso, apoia também a ideia de que há muitos processos não concatenativos que participam desse *continuum*, mas que acabam ficando à margem das análises morfológicas e, por isso mesmo, dificultam o entendimento de algumas formações.

A quarta parte deste trabalho aplica a abordagem exposta nos capítulos dois e três ao objeto de estudo eleito parte esta pesquisa, *-teca*. Nesta parte, encontra-se a metodologia adotada para esta pesquisa. Vale ressaltar, ainda, que esta análise prestigiou elementos que ocupam a segunda posição e que não obriga a utilização da vogal “o” para a suposta formação composta. Assim, pretende-se demonstrar, com o estudo desse formativo, que os processos de composição e derivação são, na verdade, polos de um *continuum*. Nesta parte, também haverá uma subseção especial para tratar sobre o fenômeno de Cruzamento Vocabular que atualmente ocorre com o item eleito para análise, já que a palavra ‘biblioteca’ parece motivar formações como ‘barracoteca’ e ‘bicicloteca’, entre outras.

Por fim, a última parte deste trabalho será reservada para as considerações finais, que serão feitas sobre os resultados da pesquisa aqui descrita. Pretende-se, também neste capítulo, posicionar *-teca* na análise gradiente aqui defendida. Esperamos, com isso, de algum modo contribuir com os estudos sobre a morfologia do português, de uma forma geral, e da Composição Neoclássica, no âmbito do NEMP, mais especificamente.

## 2. MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A CHAMADA COMPOSIÇÃO NEOCLÁSSICA

No âmbito dos estudos morfológicos contemporâneos, muitos teóricos têm discutido acerca de palavras que contêm formativos neoclássicos em diversas línguas. Essas contribuições são muito valiosas no que diz respeito a este trabalho, pois embasam teoricamente a ideia por ele proposta. Sendo assim, este capítulo tem como principal objetivo revisitar o que alguns teóricos vêm descrevendo sobre o fenômeno conhecido como Composição Neoclássica, doravante CN, a fim de se observar quais são os problemas e os avanços morfológicos que já se tem conquistado até o momento a respeito do tema.

Para tanto, este capítulo será estruturado em três partes. A primeira é responsável por fazer uma retomada sobre o que os autores dizem sobre a CN e o que afirmam sobre a composição regular em línguas como o inglês, o italiano e o francês, mostrando o comportamento de alguns elementos neoclássicos nessas línguas, comparando-as.

Já a segunda parte é responsável por verificar o que outros autores dizem sobre esse mesmo processo em português, além de mostrar o tratamento de alguns desses elementos em nossa língua. Ao longo dessas contribuições, alguns levantamentos sobre o formativo eleito como objeto de estudo para este trabalho serão brevemente mencionados e, posteriormente, melhor detalhados no capítulo destinado à análise.

Por fim, há uma parte que se destina a retomar essas ideias e finalizar o capítulo, entendendo por que é necessário fazer uma análise exclusiva para o formativo *-teca*.

## 2.1 Análise da CN em diferentes línguas

Muitos autores têm questionado as formações com elementos oriundos do Grego e do Latim pelo fato de esses processos ainda não terem um tratamento adequado na literatura. Entende-se, com isso, que essas partículas ainda não foram muito bem definidas como uma classe independente das demais e, por conseguinte, também ainda não puderam se encaixar em um processo de formação de palavras que desse conta de seu comportamento, visto que os processos estão diretamente atrelados à categorização desses formativos.

O que comumente ocorre com esses elementos, tradicionalmente, é que são encaixados em classes que não dão conta de seu perfil, como “radicais” ou “afixos”, ou, ainda, são indiscriminadamente misturados em uma classe nova, denominada com nomes um tanto comprometedores, como o termo “formas combinatórias”, o que acaba por causar problemas no tratamento morfológico desses itens, que aparecem ao lado de outros, como os *splinters* (como o *-guete*, de ‘periguete’ e o *caipi-*, de ‘caipirinha’), bem diferentes em histórica, criação e forma.

Surge, então, uma certa preocupação de diversos autores que tentam, sempre que possível, detalhar com mais cuidado o comportamento desses elementos em diversas línguas, como o italiano, o inglês, o português etc. Diversas contribuições são feitas por esses autores, como, por exemplo, Lüdeling (2006) que, em seu artigo “Neoclassical word formation”, mostra que esses elementos apresentam características que os aproximam da composição tradicional, mas também exibem algumas características que os afastam desse processo.

Observa-se, por isso, que talvez seja esse um dos motivos para que alguns autores tentem encaixar esses formativos nas classes mais tradicionais, como afixos (BAUER, 1979) e radicais (RALLI, 2008), e outros tentem criar, infelizmente sem muito sucesso, uma nova classe para tais elementos (WARREN, 1990).

Lüdeling (2006), fazendo uma pequena retomada histórica acerca desses elementos, mostra que é muito comum que as formas neoclássicas apareçam em diversas línguas. Isso porque o Latim já foi uma língua franca e porque, em uma



época de avanços tecnológicos, muitos cientistas recorreram a essa língua e ao Grego para nomear as novas descobertas científicas em uma tentativa de homogeneização de nomenclaturas pelo mundo.

Ademais, a autora afirma que esses formativos entraram, em especial, na língua inglesa, também através de empréstimos de outras línguas que igualmente tiveram algum contato com o Grego e com o Latim, por exemplo.

Por conta desses momentos diferenciados de entrada dos elementos neoclássicos nas línguas, Lüdeling (2006) explica que alguns formativos, a depender da maneira e da época de entrada em uma dada língua, conseguem se adaptar às regras de formação dessa língua tomadora. Contudo, nem todos os formativos sofreram adaptações, uma vez que não necessariamente ingressaram no mesmo momento nas línguas, o que explica o comportamento tão difuso dessas partículas nos línguas modernas em que são abundantes.

É por isso que definir tais elementos como uma classe apenas, encaixando-os em uma mesma “gaveta” classificatória, não é um tratamento adequado, pois isso comumente acontece sem que se dê conta de que são elementos complexos e precisam de um tratamento mais individual. Foi pensando nisso que muitos autores (LÜDELING 2006; AMIOT & DAL 2005; PETROPOLOU & TEN HACKEN 2002; CAETANO 2010; GONÇALVES 2011; HIGINO DA SILVA 2016; CARDOSO 2013; OLIVEIRA 2014; PIRES 2014 e TAVARES 2013) passaram a se ater a apenas um formativo de cada vez, observando como cada um deles se comporta em uma determinada língua, proposta que inclusive se atualiza neste trabalho.

Lüdeling (2006) continua suas observações gerais sobre esses formativos, focando nas palavras de origem germânica. Ressalta que é bastante difícil definir a origem da entrada desses elementos em línguas como o inglês, por exemplo. Além disso, também destaca a dificuldade de diferenciar esses elementos entre si e a dificuldade de estabelecer se eles são radicais ou afixos.

Por outro lado, Lüdeling (2006) ressalta que há um problema de identificação desses itens em algumas línguas que não se apresenta no inglês. Para ela, nessa língua, há uma diferença claramente identificável entre formativos nativos e

formativos neoclássicos. Contudo, aponta que em outras línguas, como aquelas que tiveram o Latim como língua-mãe, essa diferença é muito sutil, chegando a ser completamente opaca em alguns casos. Essa contribuição é muito importante, pois a mistura entre elementos nativos e neoclássicos se potencializa em línguas como o português, por exemplo.

A autora mostra que, por conta dessa dificuldade classificatória, os elementos neoclássicos passaram a receber diversas denominações como “formas combinatórias” (WARREN, 1990), “raízes de fronteira” (RALLI, 2008), “confixos” (MARTINET, 1979), o que também desencadeia uma série de pontos de vista morfológicos diferentes, a depender da nomenclatura adotada.

Sob o ponto de vista deste trabalho, essas classes distintas devem ser discutidas, uma vez que, como já foi dito anteriormente, a nomenclatura escolhida implica diretamente na distinção de qual processo de formação de palavras um elemento neoclássico está participando. Por esse motivo, muitos morfólogos e estudiosos das línguas passam a analisar formativos particulares (por exemplo, AMIOT & DAL (2005) analisam *lud-*, *anthrop-*, *micro-* e *-logue* em francês; PETROPOLOU & TEN HACKEN (2002) analisam *antropo-* e *morfo-* em inglês; GONÇALVES (2011b) analisa *-metro*, *-dromo*, *-logo*, *-latra* e *-grafo* em português), considerando as línguas de que participam, para conseguir traçar um perfil mais completo dos elementos neoclássicos, visto que podem não compartilhar características em comum o suficiente para formar uma classe homogênea.

Seguindo essa linha de raciocínio, Amiot & Dal (2005), em seu artigo “Integrating Neoclassical Combining Forms into a Lexeme-Based Morphology”, elegem como objeto de estudo as línguas inglesa e francesa. As autoras observam como características em comum entre os elementos da CN: (a) a falta de livre curso na língua, (b) a atualização como lexemas associados com palavras gramaticais nas línguas de origem, (c) o fato de formarem, normalmente, palavras do cunho científico e (d) a presença das vogais i/o como elementos conectivos entre os formativos.

Mesmo assim, ressaltam que tais características não se aplicam a todos os itens neoclássicos, o que não permite inseri-los numa classe com elementos de mesma natureza. Isso porque há outras características que cada formativo pode

apresentar que irão distânciá-los dos demais. Por exemplo, as autoras citam a questão posicional, mostrando que há alguns formativos que só ocupam a primeira posição (ex.: 'microorganisme'), outros só ocupam a posição final (ex.: 'omnivore'), havendo outros que podem ocupar as duas posições (ex.: 'anthropofage' vs. 'africananthrope'). Por esse motivo, vale um estudo aprofundado de cada formativo, como o feito neste trabalho, a fim de captar as características de forma mais detalhada de cada elemento neoclássico.

Amiot & Dal (2005) fazem um apanhado histórico sobre o que já foi discutido sobre o estatuto de alguns desses formativos. Observam que há autores que os classificam como afixos, como radicais, outros como raízes e outros desafiam essas teorias, questionando que, sendo elas aceitas, haveria palavras que seriam compostas apenas por afixos, segundo essas classificações mais tradicionais.

Outra característica também pontuada pelas autoras é o fato de as palavras criadas por formativos neoclássicos apresentarem um comportamento que muito se aproxima do das partículas pertencentes ao processo de composição mais tradicional. As autoras explicam que isso ocorre pelo fato de os formativos neoclássicos também sofrerem outros processos, como *blendinge clipping*, por exemplo, e permitirem que o segundo elemento seja a cabeça morfológica do dito composto, fazendo com que esses dois processos se aproximem ou até se confundam. Por conta dessas semelhanças e diferenças, muitos autores, como nós, defendem que há uma escalarização entre as palavras formadas por elementos neoclássicos e as formadas a partir do processo de composição (aqui entendido com a união de palavras, formas livres).

Na sequência, as autoras também sentem a necessidade de definir o que são de fato lexemas e o que são afixos, posto que se faz necessário compreender de que se trata cada classe para só então definir um elemento como constituinte participativo de uma categoria ou de outra. Sendo assim, para as autoras, lexemas seriam elementos que participam de uma classe, como substantivo e adjetivo, pertencem a uma lista aberta, têm significado constante e especificado e apresentam uma representação fonológica. Contudo, relativizam a característica de esses elementos pertencerem a uma classe, pois se lexemas não são palavras, como eles podem participar de uma classe?

Afixos, por sua vez, dentro da teoria eleita pelas autoras, a Morfologia Lexemática<sup>1</sup>, formas neoclássicas não são componentes morfológicos, são “expoêntes de regras de construção de um lexema”, pois são “o resultado da aplicação de uma regra para lexema” (AMIOT & DAL, 2005, pp.328).

Por outro lado, Amiot & Dal (2005) apontam que a teoria por elas abraçada, apesar de satisfatória, não é perfeita, uma vez que há algumas questões que não consegue resolver como, por exemplo, a transição de uma classe para outra e o processo envolvido em línguas como o francês, língua que também possui elementos neoclássicos incorporados ao seu léxico, devido os seus laços históricos com as línguas clássicas.

A partir desses esclarecimentos, Amiot & Dal (2005) passam a analisar os formativos um a um, mostrando suas características mais particulares, e, para cada um, as autoras chegam a conclusões diferentes. Defendem que *lud-* é um dos radicais (radical B) do lexema *jeu-* em francês, pois eles aparecem em distribuição complementar entre as diversas palavras nessa língua. Acreditam que a escolha entre um ou outro elemento se dá por questões fonológicas. *Jeu-* tem como padrão CV, o que não é muito interessante para o francês, posto que a maioria de seus sufixos adjetivais se incia por vogais. Nesses casos, *lud-*, que tem como padrão CVC, é eleito para formar palavras, como ‘*ludique*’ e ‘*ludiciel*’.

O elemento *anthrop-*, por outro lado, é um tanto mais complexo. Essa partícula também apresenta mais de um radical semanticamente correspondente, *homme* e *homin-*. Contudo, não se encontram em distribuição complementar. Isso acontece, porque os formativos podem ocupar mais de uma posição nas palavras, como em ‘*anthropométrie*’ vs. ‘*misanthrope*’ e ‘*hommesandwich*’ vs. ‘*surhomme*’. Esse fenômeno não acontece com o primeiro par aqui descrito (*lud-* / *jeu-*), pois ambos ocupam apenas a primeira posição; portanto, em alguns casos, questões posicionais são determinantes, o que não é verificável em todos os casos de CN.

Adicionado a isso, essa análise mostra que alguns elementos neoclássicos não podem ser classificados como afixos, pois nem todos tem posições fixas, sendo

---

<sup>1</sup>A teoria Morfologia Lexemática é uma teoria cuja a morfologia é baseada em lexemas. Nela são definidos conceitos como lexemas e afixos usados pelas autoras, a fim de entender se os elementos da CN podem ou não se encaixar nesses conceitos.

elementos de posição oscilante<sup>2</sup>. Mesmo assim, alguns elementos têm posição fixa, o que os aproxima dos afixos.

As autoras acham sensato classificar *anthrop-* e *homin-* como radicais B e C, respectivamente, de *homme*, pois esses dois elementos aparecem em registros da língua mais específicos como os da área da zoologia. para *homin-*, e da área da geografia, para *anthrop-*.

*Micro-* também recebe atenção das autoras no referido artigo. Elas mostram que alguns autores dizem que há como analisar esse elemento como um prefixo, considerando que ele sofreu um processo de gramaticalização, em palavras como ‘microfilm’, aplicando-se semanticamente à totalidade dos substantivos a que se integra, pois ‘microfilm’ diz respeito a um ‘filme pequeno’.

Para elas, *micro-* se comporta semanticamente de modo muito parecido com outro elemento na língua francesa, *-et*, em palavras como ‘clochete’ e ‘microorganism’. Se *-et* é considerado um afixo, as autoras acreditam que há, por analogia, motivos suficientes para se considerar *micro-* da mesma maneira. Tal categorização de *micro-* também vale para o português (GONÇALVES, 2011b).

Por fim, as autoras analisam o comportamento de *logue-* em palavras que indicam especialistas. As autoras mostram que esse elemento, na língua de origem, era vinculado a um verbo e tinha papel de agentivo. No entanto, em francês moderno, não é mais sentido de tal forma pelos falantes da língua. Julgam pouco conveniente considerar *logue-* como um radical ou lexema, justificando que no grego antigo *logos-*, palavra que deu origem ao formativo, já era um elemento preso. Portanto, para essas autoras, tal elemento deve ser considerado como um sufixo formador de substantivos, cujo o significado é “especialista”, tal como o formativo *-iste* em francês. Análise semelhante em português é empreendida por Rondinini & Gonçalves (2006), que também interpretam as formações X-ólogo atuais como derivadas.

---

<sup>2</sup> Em linhas gerais, formas clássicas sem posição pré-determinada na estrutura da palavra podem ser chamadas de confixos, nosterms de Martinet (1979), como mostra Gonçalves (2011b) para inúmeras partículas do português.

Após essa pequena análise de alguns formativos tidos como neoclássicos, as autoras comprovam a ideia de que não é possível estudá-los sob uma mesma classe, pois se comportam de maneiras muito díspares entre si, mesmo quando estão em uma mesma língua, como o francês. Faz-se necessário, então, um estudo específico **para cada formativo em cada língua** (grifo nosso).

Comprovam, por fim, que, apesar desse tipo de formação de palavras apresentar potencial de hetero-lexicalidade, os formativos compõem normalmente o vocabulário patrimonial de uma língua, merecendo total atenção dos morfólogos, pois não podem ser tratados como meros estrangeirismos.

Atentando para línguas como inglês e italiano, e para outros formativos além dos descritos acima, Petropoulou & ten Hacken (2002), em seu artigo “Neo-Classical Word Formation in WM Electronic Dictionaries”, discutem os elementos neoclássicos, uma nova classe, e os processos de formação de palavras que instanciam.

Os autores iniciam suas análises observando que muitas línguas mantêm um vocabulário parecido, não só na forma, mas também no conteúdo, posto que esse vocabulário foi formado a partir do empréstimo de mesma fonte, latim e o grego antigos. São exemplos dessas palavras o vocábulo “teologia”, que em inglês se apresenta como ‘theology’, em alemão como ‘theologie’ e em italiano como ‘teologia’, todas oriundas do grego antigo *θεολογία*.

Uma vez que a fonte utilizada é a mesma, os autores argumentam ser possível encontrar uma mesma palavra com o mesmo significado em diversas línguas. Isso justifica o porquê de haver um *corpus* muito comum entre o inglês e o italiano, por exemplo. Por outro lado, argumentam que esse empréstimo tornou a morfologia das línguas mais complexa, pois é possível encontrar partes dessas palavras em formações que não aparecem nem no grego, nem no latim. Por exemplo, as palavras ‘theosophy’ e ‘morphology’ são inglesas e não apresentam correspondente no grego, mas apresentam os componentes presentes na palavra ‘theology’, que é grega.

O objetivo dos autores é, portanto, descrever esses pedaços de palavras de

origem grega e/ou latina e, fazendo isso, explicar como se dá o processo de formação nas palavras dos quais participam. Para tanto, os autores recorrem a um sistema de especificação, uso e manutenção de dicionário eletrônicos chamado *Word Manager*, doravante WM. O léxico desse sistema é baseado nas regras de formação de palavras da língua a que atende; logo, para descrever os compostos neoclássicos presentes em línguas como o inglês e o italiano, foi necessária uma descrição formal dessas construções. Contudo, a descrição exigiu que os termos neoclássicos fossem vistos como entidades.

Todo esse processo fez pensar na categorização desses termos e, por conta disso, nos processos de formação de palavras em que se envolvem. Os autores decidiram, então, que pensar na formação neoclássica como uma formação à parte das demais (como sufixação, prefixação etc.) é a melhor maneira para entender essas palavras comuns às línguas europeias. Consideraram que esses termos seriam categorizados como a classe dos neoclássicos, que tem o poder de formar lexemas, mas não são lexemas em si, computando-se como radicais. Essa consideração é por si só complexa e mostra o quão difícil é categorizar os compostos neoclássicos sob um mesmo “guarda-chuva” categorial.

Os autores seguem apresentando, então, as características desses elementos baseados nos formativos *antropo-* e *morfo-*, como a presença da vogal final -o, que funcionava como vogal temática nos compostos de Grego antigo, mas que nas línguas modernas funciona como uma vogal de ligação.

Na sequência, enumeram mais quatro características dessa nova classe, a fim de que seja possível diferenciar os elementos dos lexemas e dos afixos; são elas:

1-Possuem significado próprio, baseado no significado encontrado no latim e/ou no grego.

2-Podem aparecer tanto do lado esquerdo, quanto do lado direito de uma formação.

3-Em inglês, são selecionados por sufixos específicos, como: *-y*, *-ic*, *-ous*, *-ist*, *-ism*, *-itis*, *-ia*, etc.

4-Normalmente, não se combinam com lexemas nativos.

Outra característica salientada pelos autores é o fato de essa nova classe não sofrer regras sintáticas; apenas regras morfológicas. Mesmo assim, deixam claro que é possível que um elemento neoclássico, apesar de apresentar tal comportamento, passe a uma nova classe. Esse fenômeno pode ocorrer caso o elemento neoclássico seja adjungido a um sufixo, por exemplo, mostrando que essa nova categoria precisa passar por um processo morfológico, transformar-se em um lexema, para só então sofrer regras sintáticas.

Além disso, deve-se considerar que esses vocábulos, muitas vezes, não são constituídos apenas de um elemento neoclássico e um sufixo, porém por mais de um elemento neoclássico e um sufixo (ex.: 'antropho-log-y'). Para os autores, nesses casos, faz-se necessário observar a ordem do processo de estruturação da palavra em jogo. Assim, os formativos neoclássicos foram implementados no WM e possuem como resultado um CN. Esse resultado é uma importante característica desse novo processo de formação de palavras, pois possibilita a diferenciação dos demais processos, como prefixação e sufixação, que têm como resultado um lexema.

O único problema encontrado pelo programa para diferenciar as formações entre o inglês e o italiano, de acordo com os autores, foi que ambos possuem um léxico muito parecido, muito embora o latim não seja para o italiano apenas uma língua de empréstimos como é para o inglês, o que dificulta ainda mais a diferenciação entre as categorias. Mesmo assim, fica evidente que considerar a composição neoclássica como um fenômeno à parte dos demais processos de formação de palavras é essencial para que se compreendam essas novas formações e para que se possa delinear com mais detalhes os elementos nela envolvidos.

Nota-se, assim, uma pré-disposição dos autores em estudar mais os formativos neoclássicos em determinadas línguas do que defini-los como constituintes de outras classes ou ainda criar uma nova classe para agrupar esses itens, como demonstrado em Lüdeling (2006) e Amiot & Dal (2005). Ademais, nota-se também que o processo de formação de palavras com esses elementos precisa ser



diferenciado, apesar das afinidades, do processo de composição tradicional, como observado em Petropoulou & ten Hacken (2002).

## 2.2 Descrição da CN com foco no português

Contribuições sobre os CNs são também trazidas com a descrição sobre o português, de maneira que se torna conveniente revisá-las, a fim de não só justificar este trabalho, mas também preparar um aporte teórico bem embasado para guiar as reflexões acerca de *-teca* na língua portuguesa.

No que diz respeito ao português, Caetano (2010), em seu artigo “A meio do caminho entre a derivação e a composição”, traça um pequeno apanhado geral sobre o que alguns autores vêm dizendo sobre os chamados CNs. Para a tradição, esses elementos fazem parte dos processos de composição prototípicos, mas a autora também relativiza essa postura canônica. Antes dela, Carvalho (1984: 524) já defendia que esses elementos, apesar de fazerem parte da composição, são sentidos pelos falantes como sufixos, tal como *-fobo*, em ‘*anglófobo*’, fato que já não permite que esses compostos sejam tratados como um processo de formação de palavras canônico.

Caetano (2010) mostra que nas gramáticas aparece também uma vasta distinção entre esses elementos, como, por exemplo, o seu posicionamento, se figuram à direita, se à esquerda ou se conseguem ocupar as duas posições em palavras diferentes. Ademais, a natureza dos elementos a que os compostos neoclássicos costumam se confluir, a função que esses elementos desempenham (se determinantes ou determinados) nas palavras de que participam também são características citadas neste artigo que ora os afastam, ora os aproximam da composição tradicional.

Outra diferença entre os compostos tradicionais e os neoclássicos em português é a possibilidade de os elementos sofrerem alterações de número e de gênero, ponto que para Villalva (2003: 972) é crucial para diferenciar compostos

morfológicos dos compostos morfossintáticos, uma vez que estes sofrem tais alterações (como na palavra ‘surdo mudo’ ~ ‘surda muda’ ~ ‘surdos mudos’) e aqueles não (como a palavra ‘luso-brasileiro’, em que a dupla flexão \*lusa-brasileira e \*lusos-brasileiros gera agramaticalidade), ou seja, os compostos típicos teriam autonomia sintática, o que não se verifica com muita frequência nos CNs.

Após esse pequeno levantamento sobre os diversos questionamentos que permeiam a descrição dos compostos neoclássicos, Caetano sugere uma série de características dos elementos que podem pertencer a essa “nova classe” em português, a saber:

- 1- Caracterizam-se como elementos eruditos;
- 2- Apresentam conteúdo lexical significativo;
- 3- Não são sintaticamente autônomos;
- 4- Unem-se a qualquer tipo de base;
- 5- Formam palavras complexas tanto no domínio científico, quanto no domínio do vocabulário da língua corrente;
- 6- Combinam-se entre si e não possuem posição fixa (o que os diferencia dos prefixos e sufixos);
- 7- São elementos diferentes do primeiro e do segundo elementos de uma palavra composta em português.

Essas diferenças permitiram que a autora chegasse à conclusão de que os CNs estão, na verdade, “a meio do caminho” entre os processos de composição e derivação, conclusão esta que justifica o título de seu artigo.

Outro autor que também se debruça sobre as construções com “radicais eruditos” é Gonçalves (2011b) que, no artigo “Compostos Neoclássicos: estrutura e formação”, faz um análise dessas formações e de alguns formativos em especial. O autor faz um série de questionamentos ao longo de seu texto no que diz respeito a essa “nova categoria” morfológica e tenta exemplificar e responder a cada uma de suas perguntas.

O primeiro questionamento feito pelo autor diz respeito ao fato de as CNs não

poderem ser classificadas como meros internacionalismos, visto que muitos saem da esfera técnico-científica e passam a formar palavras com itens do vernáculo e são de uso muito comum, deixando de ser tecnicismos. Além disso, defende que o fato de essas palavras manterem uma forte ligação com a língua mãe não pode ser característica suficientemente relevante para definir esses elementos como classe, pois esse aspecto agruparia em uma mesma categoria elementos muito diferentes entre si.

É salientada, em seguida, uma grande controvérsia a respeito do assunto: se os processos em que se envolvem as unidades neoclássicas são marginais, por conta de fatores históricos, ou atuam em processos legítimos responsáveis por formar novas palavras. Ao que tudo indica, pelo menos no que diz respeito ao objeto de estudo deste trabalho e no que diz respeito ao argumento de Gonçalves (2011b), esse processo é sim responsável pela criação de novos vocábulos em língua portuguesa, muitos ainda na esfera técnica (como a recente forma ‘ortorexia’, analisada em Gonçalves (2016) – “transtorno alimentar caracterizado pelo exagero na alimentação dita saudável”). No entanto, vários saem dessa esfera e experimentam usos bastante populares, a exemplo de ‘mulatólogo’ (criação de Vinícius de Moraes), ‘sincericídio’ e ‘camelódromo’.

De acordo com Gonçalves (2011b), compostos neoclássicos são formas tão heterogêneos, que não é possível colocar todos os elementos em uma classe; é necessário um olhar individual para os formativos. Sendo assim, o autor elenca uma série de características atribuídas aos itens neoclássicos, a fim de tentar reforçar ainda mais a sua tese de que não há como criar uma camisa de força para agrupar elementos tão difusos entre si. Dentre essas características, há as que dizem que os elementos neoclássicos eram unidades livres na língua mãe, mas hoje só funcionam presos na língua doadora ou, ainda, o fato de esses elementos não terem realização sintática na língua tomadora. O autor mostra que tal característica não se aplica a todos os elementos, pois há exemplos *mania* e *metro*, entre muitos outros, com livre-curso na língua.

Com exemplos como “meu filho passou para *odonto*” e “meus *oftalmos* são excelentes”, o autor mostra que pode haver realização sintática de alguns desses elementos na língua-alvo, em função do processo de truncamento.

O autor mostra, ainda, que há elementos, como *foto-*, que, em palavras como ‘fotografia’, atualizam o significado original, mas em outras, como ‘foto-novela’, retomam a própria palavra ‘fotografia’ e não o significado do elemento neoclássico *foto-* (“luz”). Desse modo, os neoclássicos podem participar de outro processo de formação: a recomposição<sup>3</sup>.

Outra característica também atribuída aos CNs que igualmente é facilmente falseada é o fato de esses elementos só serem usados para criar vocábulos tecnológicos ou científicos. Esse ponto não é só contra-argumentado pelo autor, mas também por este trabalho, que mostra inúmeras novas palavras compostas pelo formativo *-teca* fora do campo científico, como ‘pornoteca’, por exemplo.

Ademais, o fato de esses elementos carregarem significados mais concretos e de quase sempre apresentarem a vogal “o”, marcadora de composição na língua-mãe, também são pontos questionáveis por Gonçalves (2011b) no que diz respeito à caracterização dos itens neoclássicos.

Gonçalves (2011b) conclui que as novas formações com os elementos por ele listados se distanciam muito dos chamados compostos lexicais (de base livre), bem como dos tradicionais CNs. Por isso, defende que a classe dos neoclássicos não é homogênea e que, por isso mesmo, os itens devem ser individualmente analisados. Para Gonçalves (2011a), devem-se analisar os processos que envolvem esses formativos de forma escalar, uma espécie de *continuum* entre os processos da composição e derivação, visto que a própria Caetano (2010) defende que a dita composição neoclássica está a meio do caminho da composição e da derivação.

A partir dessa perspectiva, muitos autores passaram a trabalhar com poucos ou apenas um desses elementos neoclássicos, visto que é um trabalho necessário para que se tenha uma descrição morfológica mais completa do português. Um desses autores é Higino da Silva (2016) que, em sua tese de doutorado, inspirando-se nas análises de Gonçalves (2011a, b), analisa os formativos *agro-* e *agri-* em português. Dando sequência aos estudos, Oliveira (2014) trabalha os formativos de primeira

---

<sup>3</sup> A recomposição, como o próprio nome já diz, é um tipo específico de composição (segundo Monteiro 1987:191), com a seguinte característica fundamental, nas palavras do autor: “*trata-se de um mecanismo formador de novas palavras em que apenas uma parte do composto passa a valer pelo todo e depois se liga a outra base, produzindo uma nova composição*”.

posição *eco-* e *homo-*; Pires (2014) centra seus estudos no elemento de segunda posição *-dromo*, Tavares da Silva (2013) trabalha o formativo *eleto-* e Cardoso (2013) descreve o elemento *petro-*.

### 2.3 Considerações finais sobre a CN

Pôde-se averiguar, neste capítulo, que os chamados compostos neoclássicos se comportam de maneira diferente dentro de uma mesma língua e, mais ainda, em diferentes línguas. Alguns autores, à medida que vão identificando certos comportamentos dos formativos, tentam traçar também um perfil para a chamada composição neoclássica. No entanto, essas características não podem, todas elas, ser atribuídas à classe, mas apenas a alguns formativos dessa classe.

Por exemplo, Petropoulou & ten Hacken (2002) dizem, como já visto anteriormente, que uma das características desses compostos em inglês é selecionar sufixos específicos e não se combinar com lexemas nativos. Em português, na variante brasileira, *-teca* não seleciona sufixos específicos, justamente por já ocupar a segunda posição, e se combina amplamente com lexemas nativos, como por exemplo em 'barracoteca', 'maridoteca', 'bijuteca' etc.

Caetano (2010) também elenca alguns atributos que não podem ser reconhecidos no objeto de estudo deste trabalho. A autora diz que os compostos neoclássicos são reconhecidos como elementos eruditos, o que não se pode afirmar com os exemplos citados acima. Além disso, a autora também observa que eles não possuem posição fixa, outro aspecto que não pode ser atribuído a *-teca*. Por outro lado, há outros formativos também definidos como compostos neoclássicos que atendem a essas características, como mostra Gonçalves (2011a) com as análises citadas anteriormente.

O item *-teca* não seria um composto neoclássico porque não atende às particularidades da classe delimitada por esses autores? Se não, qual seria, então, a possível classe a que tal elemento se agregaria, uma vez que apresenta algumas

características dos compostos neoclássicos? Essas questões é que levam à necessidade de uma nova abordagem teórica para elementos como esse.

Comprova-se, portanto, que, em diversas línguas, os elementos que participam da CN “reclamam” por um tratamento individual, tendo em vista que não apresentam todos os atributos da classe, considerando o conceito aristotélico de categorização, no qual os elementos componentes devem guardar entre si semelhanças que justifiquem o agrupamento.

Compostos neoclássicos não são, destarte, elementos que carregam, todos eles, características uniformes o suficiente para compor uma classe homogênea. Em vista disso, não é possível categorizá-los sob uma mesma terminologia, assim como reforça Bauer (2005:105), ao dizer que:

---

O rótulo “composto neoclássico” se mostra inadequado, uma vez que um composto neoclássico não é um composto (de acordo com leitura normal da palavra), sendo mais um problema terminológico do que um problema de substância.

Por esse motivo, este trabalho será dedicado ao elemento neoclássico *-teca*, formativo grego que se apresenta em português como um elemento que cria novas palavras, não necessariamente vinculadas aos tecnicismos, mas palavras vernaculares.

### 3. APORTE TEÓRICO PARA A ANÁLISE DAS FORMAÇÕES X-TECA

Muitos teóricos discorrem que os processos de composição e derivação não são estanques. Na verdade, acreditam que esses métodos de criar palavras são polos de um *continuum*. Seguindo essa linha de raciocínio, explicitamente assumem uma proposta de categorização por protótipos, bastante diferente da chamada categorização clássica.

A categorização a que se propõe este trabalho é baseada na ideia de protótipo e escalaridade. Em seu livro *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*, Gonçalves (2011) explica que um protótipo é um elemento que contém todas as características de uma determinada classe, tornando-se o elemento exemplar dela. Entretanto, nessa mesma classe, podem estar listados elementos que não contêm todas as características, tornando-se elementos menos exemplares. A ideia de gradiência reside justamente no fato de alguns elementos se aproximarem mais de um núcleo e outros se afastarem, à medida que apresentam menos características de uma dada classe, desse núcleo.

A proposta de *continuum* é calcada na ideia de gradiência e de protótipos, uma vez que prevê que elementos podem ser mais ou menos representativos de uma determinada classe. No entanto, essa proposta prevê, ademais, um caminho entre as classes no qual os elementos podem transitar, a depender de suas características.

#### 3.1 *As várias propostas de continuum composição-derivação na literatura morfológica*

Bauer (2005) explica em seu artigo “The borderline between derivation and compounding”, que o processo de gramaticalização (palavras livres transformando-se em constituintes presos, ou seja, palavras cujo significado estava atrelado apenas

ao mundo biossocial, mas que, por processos naturais de modificação das línguas, passam a veicular significados mais gramaticais. Nas palavras de Andrade (2013), palavras de conteúdo tornam-se constituintes morfológicos. Por exemplo, lexemas se modificando em afixos), é muito comum nas línguas. O Bauer observa, por exemplo, que muitos afixos – no atual estágio do inglês – eram preposições em latim, portanto palavras livres, o que não difere muito do português, uma vez que inúmeros prefixos têm origem preposicional, a exemplo de *ex-*, *co(m)-* e *in-*, entre tantos outros. O autor também explica que o processo contário, ou seja, palavras presas passando a palavras livres, é mais raro, contudo não é impossível de ser verificado nas línguas.

Considerando tais eventos constatados em diversas línguas sob uma análise diacrônica, Bauer (2005) postula que os processos de derivação e composição estão em gradação, permitindo que os elementos de um dos polos transite, de acordo com a evolução natural das línguas, para o outro. Para justificar a sua nova proposta de análise dos processos de formação de palavras, o autor começa a analisar fenômenos que mostram essa transição.

Um desses fenômenos é denominado pelo autor de composto sintético, construção que têm alta produtividade, mas não chega a se atualizar como palavra. O autor usa como exemplo *cigarmager*, em que a partícula “*mager*” não se atualiza como lexema, mas ‘*cigarmager*’ (“cigarro longo”) é reconhecida como uma palavra derivada em alemão. Outras palavras, como ‘*cigarfabrikant*’ (“fabricante de cigarros”), também transparente, por conta do elemento em segunda posição, suscitam ainda mais dúvida sobre qual processo está envolvido nas formações que contêm “*mager*”.

Outro fenômeno fronteiro é o denominado morfe único, que consiste em um morfema que aparece em uma ou em pouquíssimas palavras e, devido a sua opacidade, não permite concluir se a palavra em questão é derivada ou composta. Bauer (2005) usa como exemplo a palavra dinamarquesa ‘*Bomuld*’ (“algodão”), na qual “*uld*” significa “*lã*”, mas “*Bom*” é opaco demais para se recuperar seu significado. Sendo assim, como seria possível definir se “*bom*” é um radical ou um prefixo? Esse mesmo questionamento vale, para o português, para os chamados elementos não recorrentes analisados em Gonçalves & Almeida (2008), a exemplo



de ‘ferrolho’, ‘fogaréu’ e ‘corpanzil’.

Dentre esses elementos morfológicos, Bauer (2005) também destaca o chamado *splinter*, ou seja, um fragmento de palavra utilizado em novas formações repetidamente. São morfemas que nas palavras de onde se originam não têm, aparentemente, significado nenhum. Contudo, nas novas formações, parecem retomar o significado da palavra de que foram retirados. Em português, um *splinter* bem conhecido é “trocínio” que em “patrocínio” parece não significar nada, mas em “mãetrocínio” significa “patrocínio” dado pela mãe.

Bauer (2005) cita, ainda, os Compostos Neoclássicos como um desses fenômenos de fronteira, uma vez que há elementos de origem greco-latina que podem se comportar como afixos, como, por exemplo, o *-logy* em inglês, mas também há elementos que podem se comportar como palavras como *philo-* e *-sophy*. Sendo assim, a palavra ‘philosophy’ deveria ser encarada como composta, mas palavras ‘psychology’ deveriam ser interpretadas como derivadas?

Outro problema que envolve esse tipo de construção de palavras é a nomenclatura, que já o define como composto sem antes definir se todos os seus elementos são de fato radicais (e não afixos), como já fôra tratado aqui (cf. seção 2.3). Por fim, o autor também argumenta sobre o fenômeno da prefixação, explicando que no francês, por exemplo, o termo derivação já ficou restrito a apenas à sufixação, enquanto a prefixação é tratada como um processo da composição<sup>4</sup>. Apenas esse olhar já evidencia que os processos derivação e composição não são tão distintos assim, uma vez que em português consagrou-se trabalhar a prefixação como um processo de derivação. O estudioso explica que tratar a prefixação como composição não é algo muito complexo de entender, pois os prefixos podem, principalmente em línguas de origem latina, também se atualizar como preposições ou advérbios (tanto nessas línguas, quanto na língua de origem). Um bom exemplo desse fato em português é o de ‘entre’, preposição que pode corresponder a um prefixo em palavras como ‘entreaberta’ e ‘entressafra’. Sendo reconhecidas como palavras, faz todo o sentido que sejam tratadas como compostos. O autor exemplifica o fenômeno com a partícula “sur” que, em palavras como ‘surenchère’

---

<sup>4</sup> Mattoso Câmara Jr. (1976) e outros estudiosos também questionam o estatuto da prefixação em português.

("respeito"), é considerada como composta, mas em palavras como 'surcharge' ("sobrecarga") é considerada como derivada, uma vez que "sur" é sentido como um prefixo.

Outros autores defendem que os limites entre a composição e derivação são porosos, baseados na teoria da Morfologia Construcional. Essa teoria propõe, no que diz respeito à morfologia, que é possível criar generalizações esquemáticas de diferentes graus de abstração a respeito dos processos de formações de palavras a partir do conjunto de palavras já existentes na língua. Essas generalizações não só ajudam na compreensão de como as palavras já existentes nas línguas foram criadas, mas também servem de base para a criação de novas formas. Logo, a Morfologia Construcional é responsável por formular moldes de criações de palavras que podem ser reutilizados ou modificados para a criação de outras palavras.

Booij (2005), em seu artigo "Compounding and derivation: evidence for Construction Morphology", mostra que os processos de formação de palavras não são tão diferentes a partir dessas generalizações. O autor argumenta que os casos fronteirizos, além de evidenciar tal ideia, são, na verdade, subesquemas dos esquemas maiores que regem tais processos. O autor inicia seu artigo, justificando porque derivação e composição foram concebidas como estanques por autores como, por exemplo, Anderson (1992). Para esses autores, a derivação é vista como um processo de Item-Processo no qual lexemas derivam de lexemas, no qual será atribuído um aspecto fonológico (adição de elementos fonológicos ao lexema), um aspecto semântico (mudança de significado) e um aspecto sintático (atribuição de uma subclasse sintática do novo lexema). Por outro lado, a composição é vista apenas do ponto de vista sintático, em que se combinam bases lexicais.

Booij acredita que essa análise é vantajosa porque se pode afirmar, portanto, que há uma aproximação da derivação a outros processos, como a conversão, a reduplicação etc. Contudo, o fato de Anderson (1992) entender que esses processos não têm estruturação morfológica interna, para o autor, afasta a composição da derivação, uma vez que na composição as regras da gramática podem interferir no processo e na derivação não. Por exemplo, a pluralização de compostos tende a se basear na estrutura de constituintes sintáticos, havendo marca apenas no primeiro elemento ('navios-escola'), no segundo ('contra-cheques') ou em ambos ('surdos-

mudos’).

No entanto, Booij (2005) acredita que essas regras gramaticais podem interferir em palavras derivadas, o que justifica a aproximação entre os processos de composição e derivação defendidas pelo autor. Um caso bem conhecido em português é o dos diminutivos X-zinho, a exemplo de ‘caezinhos’ e ‘aviõzinhos’.

O autor, assim como Bauer (2005), parte dos casos de fronteira para demonstrar o seu ponto de vista. Booij (2005) mostra que em francês preposições podem ser tanto palavras livres, quanto início de palavras complexas. A confusão entre composição e derivação se inicia, uma vez que os compostos prototípicos combinam palavras de conteúdo e não palavras gramaticais, como as preposições; contudo, não é por isso que elas deixam de ser reconhecidas como palavras.

Booij assinala que em holandês essas preposições não portam acento e não definem a classe dos elementos das quais participam; portanto, para o autor, a máxima de que palavras compostas são criadas a partir da união de palavras livres não é suficiente para definir o processo de composição, uma vez que há questões fonológicas e morfossintáticas nos casos mais prototípicos que também são úteis para definir o processo em questão. Desse modo, palavras complexas com prefixos que também servem de palavras gramaticais na língua são casos de fronteira, pois apresentam propriedades dos dois processos.

Outro caso de fronteira delineado pelo autor são os chamados afixoides ou semisufixos, palavras que parecem partículas de compostos, ocorrem como lexemas mas têm significados restritos, característica essa correspondente aos afixos. Para o autor, os afixoides<sup>5</sup> estão em processo de gramaticalização, ou seja, palavras de conteúdo se transformando em palavras gramaticais. Em português, por exemplo, “mente” é um substantivo, mas em “belamente”, palavra que não é sentida pelos falantes da língua como composta, comporta-se como um sufixo formador de advérbios. Booij (2005) justifica que, assim como Bauer (2005), a gramaticalização é

---

<sup>5</sup> Existem vários tipos de conceitos sobre a nomenclatura afixoides, dentre elas, a de Duarte (1999, 2009), que o considera como um elemento encurtado que retoma metonimicamente a palavra de origem, e a de Sandmann (1989, 1992), que considera que um elemento ressemantizado, não necessariamente recortado, pode vir a ser um afixoide, quando conviver com outra palavra na língua.

mais uma evidência de que os processos aqui em jogo não são estanques.

O autor argumenta que os casos de fronteira entre composição e derivação podem ser entendidos como os casos idiomáticos na sintaxe (“Quem espera sempre alcança”, “Quem tudo quer, tudo perde”), só que em nível de palavra. São mais específicos, mas, na verdade, são especificações de estruturas pré-existentes nas línguas.

Afixos e radicais, sob a luz desse aporte teórico, passam a se comportar como peças disponíveis para a estruturação morfológica e, por isso mesmo, estão disponíveis para serem acessados pelas regras gramaticais. Derivação e composição não são, portanto, processos distintos, mas abstrações mais gerais que podem ser interlinkadas e que também podem gerar subprocessos a partir delas. Esses subprocessos podem ser especificados, mas também podem herdar características de suas suprageneralizações (herança *default*), daí existirem tanto casos de fronteira entre esses processos, como palavras que contêm tanto características de radicais, quanto de afixos.

Kastovsky (2009), no artigo *Astronaut, astrology, astrophysics: About Combining Forms, Classical Compounds and Affixoids*, é mais um dos muitos autores que sugere uma análise gradativa entre os processos de formação de palavras. Ele inicia seu texto defendendo que muitos prefixos e sufixos presentes no vocabulário inglês advêm de outras línguas, empréstimos, tal como o francês, o latim e o grego. Essa adoção maciça fôra feita na época da Idade Média e da Renascença, momentos em que a língua franca, uma mistura de grego e latim, fôra constantemente utilizada.

Para o autor, as partículas presentes nos processos de sufixação e prefixação estão bem definidas em termos de categorias. Por outro lado, há palavras que contêm elementos que não foram originados na língua inglesa, mas, assim mesmo, participam da formação de palavras do inglês. Esses elementos não foram profundamente estudados e, por isso, não apresentam uma categorização definida. Normalmente, as palavras que apresentam tais formativos ou foram constituídas com fins tecnológicos, ou são categorizadas como neologismos, como aqueles encontrados em romances.

Por conta desse fato, o autor defende que as classificações dos elementos que compõem essas palavras, também conhecidos como neoclássicos, variam muito. O autor observa, por exemplo, que ora formativos como *neo-* e *micro-* e *-logy* são colocados em uma mesma categoria, denominados “formas combinatórias”, ora são alocados em categorias diferentes, como, por exemplo, a denominação “afixos” (BAUER, 1979).

Dando sequência ao raciocínio, é questionada a utilização de algumas denominações, tal como “forma combinatória”, uma vez que fica a impressão de que tal categorização une diversos pedaços de palavras com características diferentes em uma mesma classe, o que não permite um trabalho detalhado das idiossincrasias que cada formativo possa porventura apresentar.

O autor pretende defender, então, que há uma diferença entre classes, como, por exemplo, aquilo que é denominado como prefixo e aquilo que é denominado como forma combinatória. O objetivo do autor com tal defesa é não só questionar o tratamento desses formativos, mas deixar algum pensamento sobre o problema para que os futuros morfólogos e lexicógrafos possam se aprofundar nesse estudo. Sendo assim, faz um pequeno apanhado sobre o que a literatura já vem apresentando sobre o tema.

Outro ponto que também é defendido no artigo *Astronaut, astrology, astrophysics: About Combining Forms, Classical Compounds and Affixoids* é a utilização do termo “forma combinatória”, retirado do dicionário *Oxford English Dictionary* (OED), mais precisamente do *the New English Dictionary* (1884–1928), doravante NED, usado pelos autores para fazer referência a partículas gregas ou latinas não identificáveis como afixos. Kastovsky (2009) se pergunta se tal termo é realmente apropriado para os elementos que não entram nas categorias de sufixo e prefixo.

Segundo Kastovsky (2009), para autores como Marchand (1969), utilizar tal denominação coloca elementos como *neo-*, *micro-*, *astro-* e *bio-* em uma mesma categoria, partindo-se do pressuposto de que se trata de elementos parecidos. Contudo, para ele, esses elementos são bastante diferentes entre si e, por isso mesmo, Marchand (1969) separa *micro-* e *neo-* como prefixos, mostrando assim a

sua rejeição ao termo “forma combinatória”.

Outro questionamento levantado no artigo ora resumido é o fato de que apenas em uma das últimas edições do OED aparece uma definição para o termo “forma combinatória” que justificasse o seu uso, problema que persiste em outras obras que decidem utilizar-se do termo, como o dicionário Webster (1994).

Além da análise dos dicionários, Kastovsky (2009) revê as análises de autores como Prčić (2005, 2007, 2008), que busca dar algum tratamento a esses elementos através de critérios formais, pragmáticos, semânticos e funcionais entre as formas combinatórias iniciais e os prefixos. Kastovsky (2009) apresenta tais critérios e explica cada um deles ao longo de seu artigo.

Mesmo considerando que a abordagem de Prčić tenha sido uma boa contribuição para a compreensão de que esses elementos não podem ser categorizados da mesma maneira, o autor mostra que essa análise ainda é insatisfatória, uma vez que Prčić ainda mantém o termo “forma combinatória”. Kastovsky (2009) reforça que esse termo é vago e mistura diferentes elementos morfológicos, como afixos emergentes, *clippings*, *bledings*, etc, além de manter uma visão de que a morfologia de inglês não é, por si só, heterogênea.

Caso seja considerado que uma mesma língua está se utilizando de bases diferentes em seus processos de formação de palavras, pode-se entender porque elementos como as chamadas “formas combinatórias” são tão distintos entre si. No entanto, só é possível fazer tais considerações, caso seja compreendido que a formação de palavras de uma língua pode ser heterogênea, acessando diferentes bases para a formação das palavras.

Kastovsky (2009) explica que essa mescla torna-se ainda mais complexa quando há empréstimos de outras línguas, pois essas línguas têm diferentes métodos de formação de palavras que acabam entrando no idioma que recorre a elas para a criação de um termo. Ademais, esses termos adotados sofrem modificações e adaptações às regras da língua que se apropria deles, tornando sua morfologia ainda mais heterogênea. Isso explica o porquê de alguns elementos se tornarem mais opacos em uma determinada língua, outros adquirirem características

de outras classes, mudarem completamente de categoria ou formarem uma categoria completamente nova, exigindo da descrição morfológica novas denominações como afixoides, *clippings*, *blendings* etc.

O autor argumenta ainda que a língua inglesa seria um desses casos em que há uma morfologia mais heterogênea, não apenas no que diz respeito a sua formação, mas também por essa formação ser cerceada por uma frequente manobra de empréstimo, o que contribuiu para que se tornasse uma língua que aceita tanto *inputs* denominados como “radicais”, como *inputs* denominados “palavras” nos processos de formação. O mesmo raciocínio vale para o português, que se utiliza tanto de radicais quanto de palavras para criar novas formações lexicais.

Logo, assume-se que a denominação “forma combinatória” não é suficiente para detectar as diferenças entre diversos formativos de diferentes origens que contribuem de distintas maneiras nos processos de formação de palavras. Para Kastovsky (2009), melhor seria analisar cada elemento por si, demonstrando suas especificidades, do que elencar todos em uma categoria só. Em suas palavras, tal categorização “cria mais problemas do que os resolve”. O autor ainda deixa em seu texto uma pequena sugestão de escala entre as categorias que poderão ser futuramente estudadas e definidas, tais como:

“compounding (word) > stem compounding (stem) > affixoids > affixation proper (word- /stem-based) > clipping compounds (clipping of words/stems) > blending > splinters > acronyms” [KASTOVSKY, 2009, p.12]

### 3.2 O *continuum* de tipos morfológicos

Outros autores que também levam em conta uma análise escalar entre os processos aqui discutidos são Gonçalves & Andrade (2016). Em seu artigo “A instabilidade categorial dos constituintes morfológicos: evidência a favor do *continuum* composição-derivação”, iniciam mostrando que não é favorável para a descrição morfológica em português, sobretudo na variante brasileira, tratar as entidades que participam dos processos de formação de palavras como definidas e rígidas. Para os autores, mais válido é tratá-las como entidades de “propriedades graduais”, cujos representantes das categorias estabelecidas não necessariamente possuem todas as propriedades definidoras da classe e, por isso mesmo, nem sempre se aproximam do protótipo.

Para definir protótipos e entidades não prototípicas, Gonçalves & Andrade (2016) definem uma série de características essenciais para que se reconheça um autêntico elemento da composição e um autêntico elemento da derivação. Essas características estão organizadas na tabela no capítulo 4, retiradas na íntegra do artigo referido.

Os critérios são divididos em propriedades que dizem respeito a a) estrutura, como questões posicionais, b) propriedade fonológicas, como realização ou não de palavras prosódicas independentes; c) propriedade semânticas, como o fato de os significados dos formativos serem mais ou menos gerais e como isso afeta a combinabilidade desses elementos com outros itens morfológicos; e d) propriedades de produtividade e produção, que podem ser analisadas a partir da quantidade de elementos presentes no *corpus* criado para um determinado formativo.

Após apresentar essas características, os autores mostram que esses atributos não são atendidos por alguns elementos, como os compostos neoclássicos aqui estudados, em sua totalidade, o que corrobora para uma análise escalar. Além disso, visam, nesse artigo, ampliar o *continuum* por eles proposto, em Gonçalves & Andrade (2012), visto que, com o desenvolvimento de estudos morfológicos,



partículas várias foram surgindo, como os xenoconstituintes e os *splinters*, o que fez com que esses elementos “rogassem” por um espaço na análise gradual. Assim, Gonçalves & Andrade (2016) explicam o que são essas novas classes e qual seria o posicionamento mais apropriado para elas no *continuum*.

A primeira classe a ser analisada é aquilo que a literatura especializada vem denominando como *forma combinatória*. Como já visto em outras seções deste trabalho, essa denominação não é muito apropriada, tendo em vista que une elementos muito difusos entre si no que diz respeito ao comportamento morfossemântico. Por isso mesmo, os autores se debruçam em analisar formações polêmicas que estão dentro desse “saco” classificatório. A primeira delas é chamada de afixoide. Os autores explicam que, em português (variedade brasileira), os afixoides são resultado de recomposições. Por exemplo, “homo-” significa na língua de origem “igual”. Portanto, em palavras como ‘homossexual’, “homo” atualiza esse significado. Contudo, em novas formações, a partícula “homo” parece atualizar o significado “homossexual” e não o significado “igual”, como, por exemplo, na palavra “homofobia” (aversão a pessoas homossexuais).

Os próximos elementos descritos são aqueles que resultam de substituição sublexical ou cruzamento vocabular, conhecidos como *splinters*. São elementos que, nas palavras de origem, nada significam, mas passam a participar de novas formações, atualizando o significado total da palavra de que foram retirados. Os autores ressaltam ainda que os *splinters* podem ou não ser nativos. Um exemplo desse tipo de formativo é “trocínio”. Na palavra de origem, ‘patrocínio’, não há um significado atribuído exclusivamente à sílaba ‘pa’. No entanto, em palavras como ‘paitrocínio’, ‘mãetrocínio’ etc., essa partícula retoma ‘patrocínio’.

Os *splinters* não nativos são denominados por Gonçalves & Almeida (2012) de xenoconstituintes. São pedaços de palavras que ganham um significado a partir de uma espécie de encurtamento, assim como acontece com ‘trotrocínio’, mas, porque é difícil decifrar a origem dessas palavras, não sabendo se são empréstimos ou se realmente já fazem parte da língua, são categorizadas como elementos estrangeiros.

Um exemplo de xeconstituente é ‘cyber’. Essa partícula retoma a palavra

'cybernetics' ("ciência que estuda sistemas complexos"), em palavras como 'cybercafé' (um café, estabelecimento comercial, com acesso à *internet*). Por, de fato, os falantes não saberem ao certo se esse formativo é ou não um empréstimo do inglês, Gonçalves & Almeida (2012) mostram que a grafia com esse elemento tende a variar ('cibercafé' ~ 'cybercafé'), ora atendendo à escrita típica do inglês, ora a do português.

Gonçalves & Andrade (2016, 2012) esclarecem que, apesar das semelhanças, afixoides e *splintes* têm uma grande diferença. Afixoides seriam, então, elementos que estão modificando seus significados etimológicos. Já os *splinters* são partículas que não tinham significado e passam, de alguma maneira, a ganhar significado, normalmente retomando à palavra de onde se originaram.

Por fim, os autores descrevem também como xenoconstituintes os elementos denominados como *e-terms*, palavras cunhadas com o elemento "e", responsável por retomar o sentido de "eletrônico". Gonçalves & Andrade (2016) versam que a origem dessas formações pode ter sido calcada na palavra 'e-mail' (*eletronic mail*), do inglês. Por consequência, palavras como 'e-babá' (babá eletrônica, responsável por entreter a criança) começam a ser formadas e algumas adquirem estatuto oficial como o conhecido 'e-social', hoje produzido com [e] (e não com [i], como em inglês), inclusive nos jornais televisivos<sup>6</sup>.

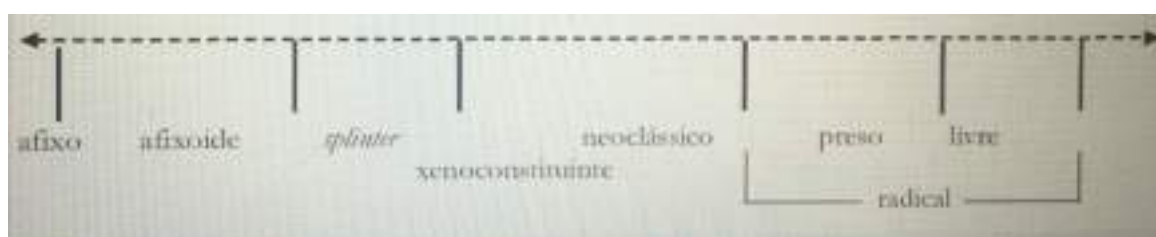
Todos os elementos descritos acima são denominados como formas combinatórias. Como se pode perceber, a natureza desses elementos é difusa e seu funcionamento, complexo e heterogêneo. Por isso mesmo, essa classificação é tida por muito autores, como Kastovsky (2009) e Gonçalves & Andrade (2016), como inadequada. A fim de solucionar esse problema, Gonçalves & Andrade (2016), assim como Bauer (2005), propõem uma análise escalar para os processos de formação de palavras nas línguas. Mais especificamente em português, aqueles autores

---

<sup>6</sup> O eSocial é um projeto do governo federal que unifica o envio de informações pelo empregador em relação aos seus empregados. Desde 01/10/2015, está disponível, na *Internet* (<http://www.esocial.gov.br/conheca.aspx>), a ferramenta que possibilita o recolhimento unificado dos tributos e do FGTS para os empregadores domésticos. "A ferramenta surge para viabilizar a determinação dada pelo texto da Lei Complementar 150, publicada no dia 02/06/2015, que instituiu o SIMPLES DOMÉSTICO com as seguintes responsabilidades que serão recolhidas em guia única" (<http://www.esocial.gov.br/conheca.aspx>).

mostram que muitos processos marginalizados, como a recomposição, são muito utilizados no PB, mas pouco citados e analisados. Os autores mostram ainda que, mesmo casos mais comuns, como *-mente* e *-zinho*, são polêmicos, pois não são elementos que se comportam plenamente como sufixos, tal como versa a tradição. Ademais, a própria prefixação, processo de formação de palavras tradicionalmente entendido como derivacional, já foi muito polemizada, uma vez que é defendida como composição por autores como Mattoso Camara Jr. (1976).

Com tantas evidências de que palavras não são formadas apenas por afixos e radicais, os autores defendem a proposta de *continuum* e ampliam o seu inventário, agregando à proposta os elementos descritos acima. Logo, a análise escalar ficaria representada da seguinte forma:



GONÇALVES & ANDRADE (2016, pp. 289)

Como já dito anteriormente, os autores elencaram um série de características de elementos composicionais e derivacionais, com o objetivo de entender quais se aplicam a uma determinada partícula e quais se aplicam a outras. No próximo capítulo, alguns desses critérios serão aplicados a *-teca*, a fim de elucidar melhor em que pontos ele se aproxima dos afixos e em que aspectos se afasta, considerando a ilustração acima. Dessa maneira, será analisada, com maior riqueza de detalhes, como essa partícula contribui para a criação de novas palavras no PB.

## 4. ANÁLISE DAS FORMAÇÕES X-TECA À LUZ DE UMA ABORDAGEM GRADIENTE

Neste capítulo, o objeto de estudo deste trabalho será analisado à luz dos critérios empíricos de Gonçalves & Andrade (2016), que buscam definir as principais características de afixos e radicais prototípicos, a fim de comprovar que o elemento em questão contém um perfil difuso, ora atendendo a características de radicais, ora a características de afixos. Por fim, esse elemento será posicionado no *continuum* proposto por esses autores para a análise de unidades morfológicas do português.

### 4.1. Por que uma análise gradual?

Antes de tudo, vale explicar o que constitui uma proposta de *continuum*. Para alguns autores, como Gonçalves (2011a), os processos de formação de palavras, como derivação e composição, interrelacionam-se de muitas formas, mesmo elegendo unidades de análise distintas. Outros autores, como Bauer (2005), como se vê na citação abaixo, fazem com que se acredite que esses processos não têm fronteiras rígidas entre si, ocupando as extremidades de uma escala.

O problema não está na distinção entre composição e derivação – definidas a partir da oposição palavras/afixos obrigatoriamente presos; nesse sentido, tudo funciona bem. O problema está em certos elementos terem ou deixarem de ter estatutos compatível com outra categoria: formas que ocorrem na segunda posição em compostos/ advérbios que se comportam como prefixos, morfemas únicos em processo de independência, pedaços de palavras ascendendo ao status de afixo. (BAUER, 2005, pp.107)

A citação também responde ao questionamento de por que se começou a analisar esses processos de forma gradual. Ora, se os processos são definidos pelas unidades de análise e se, numa língua, algumas dessas unidades começaram a se comportar de maneira diferente, dando origem a novas unidades, que, por sua vez, passaram a ter tanto características composicionais, quanto derivacionais, pode-se então entender que há um processo de transição entre os elementos composicionais e derivacionais, o que justifica um caminho entre esses processos.

Entre esses elementos, como já citado no Capítulo 3, estão a) os *splinters*, b) os *xenoconstituintes*, c) os *afixoides* e d) os *elementos neoclássicos* (unidade de análise deste trabalho). Esses elementos não são necessariamente novos; muitas vezes são resultado de mudanças morfológicas e, por isso, apresentam atributos dos dois processos. Na perspectiva de Gonçalves & Andrade (2016), esses tipos morfológicos estão posicionados entre a composição e a derivação. Os autores chegam a essas conclusões, pois aplicam aos diversos membros de cada uma dessas categorias critérios de delimitação de afixos e radicais e mostram que o resultado dessa aplicação é, muitas vezes, misto.

Contudo, não se pode achar que esse tipo de análise é prejudicial, por não definir aristotelicamente classes e processos de formação. Ao contrário, essa análise é mais interessante, pois, em português (sobretudo na variante brasileira, PB), consegue-se observar que há uma enorme gama de palavras que foram criadas com características menos homogêneas.

Uma vez que o perfil do PB é criar palavras com atributos tanto composicionais, quanto derivacionais, uma nova maneira de analisar essas palavras precisa ser aplicada. Essa nova maneira, no entendimento deste e dos demais trabalhos do NEMP já referenciados, é uma análise gradual entre os processos de formação de palavras.

#### 4.2. Revisão da literatura tradicional sobre *-teca*

Antes de aplicar os critérios empíricos de Gonçalves & Andrade (2016) ao formativo, faz-se necessário uma retomada sobre como o elemento *-teca* é tratado na literatura de cunho mais tradicional. Gramáticas normativas, como a *Nova gramática de português contemporâneo* (CUNHA & CINTRA, 2007), a *Moderna gramática Portuguesa* (BECHARA, 2009) e a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (LIMA, 2011) foram consultadas a fim de checar se esse tipo de literatura aborda o formativo e, em caso afirmativo, de que maneira é analisado. Nenhuma das três obras se pronuncia sobre a possível classificação do elemento; no entanto, a primeira faz algumas observações.

Cunha & Cintra (2007) afirmam que *-teca* é um radical neoclássico de segunda posição, responsável por diversas criações neológicas no que diz respeito às áreas tecnológicas, científicas, filosóficas e literárias. O fato de algumas gramáticas não se pronunciarem a respeito do formativo e o de outras, apesar de o classificarem como formador de compostos, aliado ao fato de definirem uma posição fixa para ele (característica de um elemento derivacional), faz com que se reflita o quão problemática é a abordagem de *-teca* em gramáticas tradicionais.

Dicionários etimológicos também foram consultados, como o de Corominas (1987), Cunha (2010) e Nascentes (1995). O primeiro nada menciona sobre a classificação do formativo aqui estudado; apenas apresenta um exemplo para fazer alusão a ele: 'biblioteca'. Já o segundo faz a seguinte observação: “**-teca** suf., nom., deriv. do gr. *thèkē* ‘caixa, cofre, receptáculo’, que se documenta em compostos eruditos, alguns formados no próprio grego como *biblioteca*, *hipoteca* etc., e vários outros de formação moderna como *discoteca*, *mapoteca* etc.” (CUNHA, 2010: 456). Como se pode perceber, Cunha (2010) categoriza o elemento como um sufixo, mas afirma que ele participa do processo de composição, o que configura uma enorme contradição.

No *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, Nascentes (1995) apresenta uma pequena lista de significados de palavras que contêm esse elemento, na qual

podemos observar *-teca* sendo usado para denominar palavras de diversos âmbitos científicos, filosóficos e literários:

“TECA– 1 (madeira) – Do malaiala-tamultekku, de origem sânscrita (Dalgado, G., Viana, Apost., II , 470 , Lokotsch)- 2 (célula) : Do grego théke. Estojo, cofre pelo lat. Theca.”

“TECÁFORO – De teca<sup>2</sup> e gr, *phorós* , portador”

“TECAMÊBEO -Do gr.*théke* , caixa, estojo, *ameba* , q. v.e suf. eo.”

“TECAMONÁDEO – Do gr. *Théke*, caixa, estojo, *mônada*, q. v., e suf.eo.”

“TECÁPODO – Do gr. *Théke*, estojo, e *poús*, *podós*, pé.

“TECASPÓREO – De teca<sup>2</sup> espora e sufixo eo.”

Dicionários como Houaiss (2009) e Aurélio (2010) também discorrem sobre o formativo. Este não apresenta nenhuma definição para *-teca*, mas oferece listas de palavras como *videoteca*, *biblioteca* etc. Aquele faz o seguinte comentário sobre o elemento:

“elemento de composição pospositivo, do gr. *thêké,és* 'caixa, estojo, escrínio; depósito, prédio de guarda', representado no lat. *theca* como helenismos, e compostos de vária época, cultos, predominantemente, nos mais modernos, com a noção de 'coleção' e 'local de guarda de coleções': *biblioteca*, *brioteca*, *carpoteca*, *cinemateca*, *dimorfoteca*, *discoteca*, *endoteca*, *espermateca*, *filmoteca*, *fitoteca*, *fonoteca*, *fototeca*, *gliptoteca*, *grafoteca*, *hemeroteca*, *hipoteca*, *hoploteca*, *iconoteca*, *litoteca*, *mapoteca*, *oftalmoteca*, *pinacoteca*, *sonoteca*, *zincoteca*, *zooteca* (o padrão de referência é o comp. gr. *bibliothêké* [antes, *bubliothêké*] 'caixa de guarda de livros, local de guarda de livros, depósito ou prédio de guarda de livros' [levando em conta que o referencial em 'livro' mudou com os tempos], que se representa no lat. *bibliothéca* 'local em que se guardam livros, livraria

(como coletivo)', de que o lat. criou dois der. *bibliothecális*, e 'relativo à biblioteca', *bibliothecarius*, ii 'o que guarda e conserva uma biblioteca'; todos os subst. em *-teca* admitem adj. em *-tecal*, de dois gêneros e com pl. regular, e subst. de agente em *-tecário*" (HOUAISS, 2009)

Como se pode perceber, o formativo é mais uma vez considerado um elemento da composição que ocupa a margem direita de palavras morfologicamente complexas. Em resumo, *-teca* é definido, mesmo na tradição, de forma contraditória, pois se sabe que os elementos da composição, os radicais, tendem a não apresentar posição fixa na estrutura da palavras. Esta característica diz respeito aos elementos derivacionais, os afixos (cf. 4.3).

O fato de essas contradições aparecerem e de alguns autores sequer comentarem a respeito do formativo chamou a nossa atenção e, por isso mesmo, fez com que nos dedicássemos a esse elemento em especial, principalmente no que diz respeito às novas formações, a exemplo de 'maridoteca', 'xerocoteca' e 'esmalteca', entre tantas outras. Antes, porém, cumpre destacar a razão de esse elemento ser considerado neoclássico: participar, em função da nomenclatura científica universal, da estrutura morfológica de uma série de eruditismos.

#### *4.3 Considerações sobre os tecnicismos X-teca*

No século XIX, os tecnicismos tomaram conta do vocabulário das línguas modernas no que diz respeito à formação de novas palavras. O elemento *-teca*, sendo um item grego, não ficou de fora dessas formações, como podemos observar em exemplos como 'ranfoteca' (Substantivo feminino. Revestimento córneo de bico das aves); 'oftalmoteca' (Datação 1873. Substantivo feminino. Na pupa, parte da cutícula que recobre os olhos); 'epiteca' (Substantivo feminino. 1- Metade superior da frustule das diatomáceas ou da lorica das peridiniáceas. 2- Nos dinoflagelados, teca que cobre a epivalva.); 'Datiloteca' (Datação 1899. Substantivo feminino. 1- Pele que envolve os dedos dos mamíferos .2-Arquivo, coleção ou conjunto de impressões digitais. 3- Artefato usado para manter os dedos estendidos.).



Como descrito anteriormente, o formativo em questão foi utilizado para fins de nomenclatura científica com um significado que se aproxima do seu significado original/etimológico. Em grego clássico, *-teca* significa caixa e, nessas formações, o item é utilizado para atribuir sentido de algo que envolve, protege, guarda, cobre.

Contudo, esse significado é extremamente opaco para os falantes da língua, uma vez que estes não têm conhecimento diacrônico para interpretar *-teca* a partir de sua origem grega. Além disso, as bases a que esse elemento se adjunge, nesses tecnicismos, também são opacas. Por exemplo, na palavra ‘datiloteca’; temos a união de *dáktylos* (do grego, dedo) e *-teca* (do grego, caixa). No entanto, o falante comum não acessa as partes dessa palavra para chegar a um dos três possíveis significados listados acima, pois teria que ter um vasto conhecimento da língua grega e de história da língua para interpretar tal palavra pelo acesso a cada um de seus elementos.

A questão que surge então é a seguinte: se o elemento aqui estudado participou dos tecnicismos, não seria apenas um empréstimo, em vez de ser considerado item morfológico vernáculo? A resposta para essa pergunta é **não**, pois, mesmo tendo participado da nomenclatura técnico-científico e filosófico-literária (final do séc. XIX e início do séc. XX), *-teca* já fazia parte do português, uma vez que há palavras que datam de antes do século XIX que têm o formativo, como, por exemplo, ‘biblioteca’ (Datação: 1536. Substantivo feminino. Coleção pública ou privada de livros e documentos congêneres, para estudo, leitura, e consulta.).

Sendo assim, podemos entender que as novas formações não foram introduzidas apenas na era dos tecnicismos, uma vez que o formativo em questão já fazia parte da língua portuguesa. Portanto, *-teca* se constitui item disponível na língua para criar novas palavras e essas, por sua vez, não se resumem a apenas empréstimos criados em proveito de uma nomenclatura científica universal, embora, até essa época predominassem palavras *X-teca* relacionadas à botânica e à biologia. Outra construção *X-teca* mais antiga na língua é ‘pinacoteca’ (séc. XVII), do grego *pinakos*, “quadro” + *teca*, “coleção”. ‘Gliptoteca’ (“museu ou parte de um museu onde se conserva a coleção de pedras gravadas e de esculturas” e ‘hemeroteca’ (“seção de biblioteca onde estão livros e revistas”) são outros dados anteriores ao advento da nomenclatura técnico-científica.

Considerando que o formativo está disponível para criar novas palavras no PB, não sendo opaco, como nos tecnicismos da botânica e da biologia (cf. p. ex., ‘podoteca’, “revestimento córneo dos pés das aves e répteis”; ‘carpoteca’, “coleção de frutos preservados para fins científicos”), a próxima seção será destinada à observação do comportamento desse item morfológico no atual estágio da língua.

#### 4.4 Aplicação dos critérios a *-teca*

Com o objetivo de analisar o formativo, montou-se um *corpus*, que hoje apresenta 75 palavras, a partir de buscas feitas em de relacionamento (como o antigo *Orkut* e o *Facebook*); jornais e revistas de grande circulação (como *O Globo* e *Veja*); programas de televisão (como *Fantástico* e *Hoje em Dia*); dicionários eletrônicos (como *Houaiss 2.0* e *Aurélio 7.0*) e dicionários eletrônicos em formato *wiki* (como o *Dicionário Informal* e o *Wikicionário*). Vale ressaltar que nesses últimos dicionários os usuários têm a possibilidade de acrescentar palavras e definições, o que torna a análise dos formativos, de modo geral, ainda mais consistente, pois mostra o conhecimento do falante acerca das estruturas lexicais de sua língua e sua capacidade de criar palavras e unidades morfológicas. Em linhas gerais, essas fontes, quando comparadas às mais oficiais, dão mostras da produtividade de um processo de formação de palavras.

As formas *X-teca* foram analisadas à luz dos 17 critérios que estão presentes em Gonçalves & Andrade (2016) para assim se definir em quais pontos *-teca* se aproxima dos radicais e em quais aspectos se aproxima dos afixos. Os critérios foram organizados e analisados da seguinte forma: primeiramente observaram-se os aspectos dessa unidade que os aproximam dos radicais, mantendo suas propriedades originais; depois se observaram os pontos inovadores de *-teca* que, portanto, os aproximam dos sufixos, contrariando a atual categorização apresentada na revisão da literatura.

Contudo, vale dizer que nem todos os critérios listados por Gonçalves & Andrade (2016) são aplicáveis a itens individuais. O critério H, presente na tabela a

seguir, por exemplo, aborda a possibilidade de os radicais criarem inventários abertos e os afixos constituírem inventários fechados. Por esse mesmo motivo, não iremos analisar o item G, uma vez que também aborda a questão do inventário, ou seja, a abordagem é sobre a classe radical e afixo de maneira geral, não fazendo alusão a formativos de maneira mais específica. Observa-se, então, que esses critérios dizem respeito à classe como um todo, não sendo, portanto, aplicáveis a um elemento, como os outros critérios da referida tabela, reproduzida na íntegra a seguir:

|

|                          |        | Composição  | Derivação   |
|--------------------------|--------|---|---|
| Unidades                 | A      | Palavras ou Radicais  | Afixos  |
|                          | B      | Formas livres ou presas que correspondem a palavras   | Formas presas que não correspondem a palavras de conteúdo   |
| Propriedades estruturais | C      | Unidades com posição não necessariamente fixa na estrutura da palavra                                     | Unidades definidas por uma posição pré-determinada numa palavra complexa (à esquerda ou à direita)  |
|                          | D      | As unidades combinam com uma grande variedade de tipos morfológicos                                       | Sufixos combinam predominantemente com radicais; prefixos combinam exclusivamente com palavras  |
|                          | E      | A cabeça lexical fica à esquerda, predominantemente   | Cabeça lexical sempre à direita   |
|                          | F      | Possibilidade de coordenação entre os constituintes   | Não há possibilidade de coordenação   |
|                          | G      | Por expressar ideias mais específicas, há um grande contingente de unidades linguísticas                  | Por expressar ideias mais gerais, há um número relativamente pequeno de unidades linguísticas   |
|                          | H<br>I | Caracterizam um inventário aberto<br>Possibilidade de flexão entre os constituintes                       | Caracterizam um inventário fechado<br>A flexão é sempre periférica  |
| Propriedades fonológicas | J      | Unidades com acento próprio   | Partículas que recebem acento apenas na combinação com a base   |
|                          | L      | Ausência de isomorfismo entre palavra morfológica e palavra fonológica                                    | Isomorfismo entre palavra morfológica e palavra fonológica  |
|                          | M      | Manutenção de propriedades segmentais e prosódicas das bases  | Mudança na base pela aplicação de regras fonológicas cujo domínio é a palavra fonológica  |
| Propriedades Semânticas  | N      | As unidades expressam um significado lexical  | As unidades atualizam conteúdos semânticos mais gerais, capazes de combinação com um número maior de formas linguísticas                      |
|                          | O      | Interpretação frequentemente holística  | Interpretação quase sempre composicional  |
|                          | P      | Pode ser endocêntrica ou exocêntrica  | Massivamente endocêntrica   |
|                          | Q      | Menos estável porque o significado dos elementos geralmente muda por extensões metafóricas ou metonímicas | Mais estável, apresentando funções sintáticas e semânticas predeterminadas, definindo os possíveis uses e significados das palavras derivadas |
| Produtividade e produção | R      | Constrói conjuntos mais fechados de palavras ( <i>ad hoc</i> )  | Constrói conjuntos mais completos de palavras (mais regular)  |
|                          | S      | Apresenta muitas formas manufaturadas   | Cria séries de palavras mais naturalmente   |

Quadro 1: Principais diferenças entre composição e derivação (GONÇALVES & ANDRADE, 2016: 265)

O primeiro ponto que aproxima a partícula aqui estudada da classe dos radicais é o critério que diz respeito à combinabilidade, item D. Esse critério versa sobre a possibilidade de combinação com elementos morfológicos variados, característica essa referente aos radicais, uma vez que os sufixos prototípicos, como *-ista*, *-ense*, *-ito*, *-ete*, tendem a se adjungir a radicais: ‘dentista’, ‘maranhense’, ‘cabrito’, ‘periquete’. O item *-teca* exibe uma vasta possibilidade de combinações, porque pode se unir a palavras estrangeiras, como em ‘gamoteca’, truncamentos, como em ‘bijoteca’, palavras inteiras (‘cinemateca’), siglas (‘dvdteca’), e elementos neoclássicos, como ‘enoteca’. Por esse critério, portanto, o elemento apresenta característica de radical.

Prefixos, como *des-*, não apresentam essa gama de possibilidades combinatórias, uma vez que só se unem a palavras. Portanto, não seria possível a combinação de *-teca* com *des-* ou com qualquer outro item se que comporte como tal, uma vez que prefixos não se combinam com radicais (exceto em formações mais fossilizadas), muito menos com sufixos.

O critério J trabalha uma das características fonológicas das –unidades morfológicas, pois fala sobre o fato de os radicais apresentarem acentos próprios, enquanto os afixos apresentam acentos apenas quando se unem a uma base. Para verificar esse atributo nas formações com *-teca*, foi necessário criar um teste morfofonológico, a fim de verificar a acentuação dessas formações.

Com o objetivo de analisar a pronúncia do [o] intermorfêmico (‘discoteca’, ‘mapoteca’, ‘filмотeca’)<sup>7</sup>, que se encontra entre um elemento - que pode ser uma palavra, um radical, um truncamento etc. - e o formativo *-teca*, a fim de checar o ajuste (ou não) às regras de neutralização, foi criado um texto contendo palavras formadas pelo elemento, novas ou antigas, com a vogal em questão. Esse teste está presente no Anexo 2 deste trabalho.

A ideia é que os informantes que se dispusessem a participar da pesquisa lessem um texto com as palavras enquanto eram gravados em aparelho celular (*iphone 6*). A depender do quantitativo de formas que se pronunciassem com a vogal

---

<sup>7</sup> O significado e a eventual datação das palavras referenciadas ao longo do texto podem ser encontrados no Anexo 1 deste trabalho.

posterior média fechada arredondada ([o]) ou com a vogal posterior alta fechada arredondada ([u]), ficaria decidido o ajuste ou não às regras de neutralização das postônicas do português. Por essa observação, feita de oitiva, decidiríamos se o formativo implica ou não a criação de duas palavras prosódicas.

Dois textos foram lidos e gravados por 20 alunos, meninos e meninas de faixa etária variando entre 14 e 18 anos, estudantes do primeiro e segundo anos do ensino médio no colégio Sistema Elite, rede privada de Ensino, unidade Duque de Caxias. Alunos do terceiro ano do ensino médio que faziam curso preparatório para o vestibular também foram gravados na mesma rede de ensino, mas na unidade de Campo Grande I.

Não obstante, já na fase inicial dos testes, notaram-se alguns desafios. Sabe-se que o ambiente de leitura nem sempre viabiliza uma pronúncia mais natural das palavras. Sendo assim, criamos algumas perguntas, que também obtiveram as respostas gravadas, que fizessem com que esses alunos pronunciassem as palavras do texto sem necessariamente lê-las. Dentre essas perguntas, também foram colocadas algumas questões distratoras, a fim de que os entrevistados não percebessem qual era o real motivo da pesquisa, muito embora a simples leitura do texto já servisse como uma espécie de distração para o real motivo da pesquisa. Seguem em anexo, portanto, os dois modelos utilizados na pesquisa (Anexo 2).

Apesar de os textos serem diferentes, as mesmas palavras foram testadas e, além disso, as mesmas perguntas foram colocadas após a leitura de cada texto para que pudessemos também gravar as respostas dadas a elas. Além disso, algumas palavras possuíam propositalmente a vogal aqui pesquisada para que se confirmasse sua pronúncia<sup>8</sup>. Outras foram colocadas entre as oito elencadas apenas como distratoras, como se pode observar com a leitura da pergunta sete (Anexo 2).

Os resultados do teste confirmaram que as palavras que envolvem o formativo *-teca* não se ajustam às regras de neutralização e, por isso mesmo, não

---

<sup>8</sup>No decorrer dos testes, muitos entrevistados tiveram dificuldades em ler determinadas palavras como “gamoteca” e “pinacoteca”. Acredita-se que a dificuldade de leitura atestada na primeira palavra deve-se ao fato de que “game” não é uma palavra de origem portuguesa, mas inglesa. Já a dificuldade encontrada na segunda palavra deve-se ao fato de que a base “pinaco” é bastante opaca para muitos falantes da língua.

necessariamente se realizam em duas palavras prosódicas distintas, o que se constata pela pronúncia de [o] em todas as entrevistas: ‘marid[o]teca’ e nunca ‘marid[u]teca’; ‘disc[o]teca’ (nunca ‘disc[u]teca’ e assim por diante). Esse resultado aponta para uma revisão sobre o que afirma a tradição acerca da partícula, pois, na composição, as vogais finais da primeira palavra sempre se neutralizam: ‘plan[u]-piloto’, ‘branc[u]-neve’.

No critério L, pode-se entender que o isomorfismo, ou univocidade, relação de um para um entre o que Mattoso Câmara Jr (1970) chama de vocábulo formal e vocábulo fonológico, é característica da derivação. Como destacamos mais acima, as formas com *-teca* tendem a se realizar como uma única palavra fonológica, isso porque a vogal final da primeira base (se é que podemos nos referir a esse constituinte dessa maneira) é sistematicamente realizada como média, como confirmam os resultados do teste.

No entanto, quando a primeira base apresenta vogais médias abertas em posição tônica, como nos exemplos abaixo, estas se mantêm abertas, o que sinaliza a presença de palavras prosódicas independentes, já que a abertura de vogais médias é indício de acento em português. Nessas formações há, portanto, duas palavras prosódicas. Vale dizer que, nos exemplos a seguir, chaves representam palavras morfológicas e colchetes, palavras prosódicas.

a){[foto][tɛca]}

b){[espɛrmo] [tɛca]}

c){[tɛcno] [tɛca]}

d){[cadɛrno] [tɛca]}

e) {[mɔda] [tɛca]}

O critério em exame não atua uniformemente nos dados, o que mostra a instabilidade categorial do elemento *-teca*, pois a existência de palavras prosódicas independentes depende de qualidades fonológicas da base. Como destacamos mais

acima, *-teca* se combina com uma gama variada de tipos morfológicos e, a depender dessa unidade, teremos uma ou mais palavras prosódicas. Por exemplo, alfabetismos<sup>9</sup> (LIMA, 2015) criam domínios prosódicos próprios, funcionando, cada letra pronunciada, como palavra fonológica independente: ‘de.ve.de-teca’.

O critério M trata da manutenção de propriedade segmentais e prosódicas das bases a que um formativo se adjunge. Observa-se que as formações com a partícula aqui estudada mantêm essa propriedade, uma vez que em palavras como ‘enoteca’, ‘cinemateca’ e ‘hispanoteca’, por exemplo, as vogais nasalizadas são mantidas (cf., p. ex., ‘hisp[ɐ]noteca’ cin[ẽ]mateca’). Logo, o elemento apresenta mais uma característica de radical.

Como se pode observar, *-teca* ainda mantêm bastante características de radical, o que é completamente justificável, visto que o elemento nasceu nessa categoria e, por isso mesmo, é definido como tal pela tradição. Todavia, também porta algumas características de afixos, como as que serão descritas a seguir.

Para checar as questões de natureza semântica envolvendo *-teca*, baseamos-nos, além das definições de dicionários, na segunda fase do teste, ou seja, nas respostas dos alunos às questões formuladas com base no texto que leram. Elencamos algumas palavras contendo o formativo, listadas no final de cada texto, que poderiam ser interpretadas de apenas uma forma, como ‘discoteca’, que diz respeito a apenas ao conteúdo “lugar”; ou de duas maneiras, como ‘revisteca’, que pode ser interpretada como uma “coleção”, ou como um “lugar”. Solicitamos que os alunos dessem interpretações pessoais sobre o significado dessas palavras.

Muitos não faziam ideia do significado de algumas palavras com bases mais opacas, tal como ‘ludoteca’, e simplesmente “chutavam” qualquer resposta, sempre se baseando na palavra ‘biblioteca’. Outros tomavam por base palavras que claramente diziam respeito a um lugar, como em ‘discoteca’, mas sequer mencionaram tal significado para a formação.

---

<sup>9</sup> Alfabetismos são siglas que não se comportam como palavras, por serem lidas letra a letra, como DVD e CD, entre outras constantes do *corpus* (ver Anexo 1).



Uma surpresa se revelou na aplicação dos testes nessa fase. Muito embora estranhando a formação 'maridoteca', mais comum em São Paulo, onde surgiu, todos os alunos apontaram para o significado que não corresponde ao seu significado etimológico, "coleção". 'Maridoteca' é uma palavra dada a um lugar no *shopping* onde os maridos ficam se distraíndo enquanto esperam as esposas terminarem as compras, como se vê nas figuras a seguir. O espaço ficou famoso por conta de uma matéria feita pelo programa de televisão Fantástico (Rede Globo).



Disponível em: <http://poracaso.com/shopping-de-blumenau-cria-maridoteca-para-os-homens-acompanham-mulheres-nas-compras/> Acesso em: 16/01/2017 hora 16:00



Disponível em: <http://independenciashopping.net.br/?pagina=novidade&id=334> Acesso em: 16/01/2017 hora: 16:05



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vMzaKcl5wAU> Acessado em: 16/01/2017 hora:16:10

O G1 publicou que um dos shoppings localizados no estado de Minas Gerais também ganhou um espaço especial de espera masculina, assim como nos shoppings de São Paulo, também denominado 'maridoteca', como mostra o trecho de reportagem a seguir:

### **Homens ganham 'Maridoteca' para esperar mulheres em shopping de MG**

Enquanto elas compram, eles se divertem com jogos em Uberlândia. Alguns maridos preferem correr o risco de um 'rombo no cartão de crédito'.

“Júnior Viana prefere correr o risco de ter um 'rombo' no cartão de crédito a esperar a esposa Elisângela Pacífico fazer compras. “Não tenho muita paciência para esperá-la. Geralmente demora muito, mas às vezes acabo ficando por não ter outras opções. Contudo, agora que inventaram esta 'Maridoteca' ela pode ficar até à vontade para gastar que pelo menos eu posso me entreter com os jogos”, comentou o marido, que está aproveitando a ideia de um shopping de Uberlândia para agradar os homens durante uma liquidação.”

Disponível em:

<http://g1.globo.com/minasgerais/triangulomineiro/noticia/2013/02/homens-ganhammaridotecaparaesperarmulheres-em-shopping-de-mg.html>

Acesso em: 25/01/2017. Hora 23:33.

Esse comportamento dos entrevistados mostra que, de fato, a analogia é um fator de grande força na língua e pode estar impulsionando a criação de novas

palavras com o formativo aqui estudado, a partir da palavra mais antiga e de uso mais geral e difundido na língua, 'biblioteca', tema da próxima seção (4.5).

Nas demais palavras, tanto o significado “lugar”, quanto o significado “coleção” foi atribuído às formas, o que se constatou, por sua vez, que de fato o formativo em questão pode vincular-se a mais de um sentido, aproximando-se, agora, da categoria afixo, assim como versa o critério Q: afixos são mais estáveis, “apresentando funções sintáticas e semânticas predeterminadas, definindo os possíveis usos e significados das palavras derivadas” (GONÇALVES & ANDRADE, 2016, p. 265).

Ainda observando o resultado do teste semântico realizado com os alunos, percebe-se que o formativo tem significado mais geral, como o dos afixos, o que o permite que se adunja a uma gama considerável de palavras. Esses significados menos restritos de *-teca*, “lugar” e “conjunto”, constituem mais uma característica semântica que o mantém próximo à classe dos afixos, uma vez que sufixos como *-eiro*, *-ário* e *-al*, entre outros, também atualizam esse significado, bem como a ideia de “coleção/conjunto” igualmente se manifesta em sufixos como *-ada* e *-agem*, por exemplo. Pode-se afirmar, então, que essa característica condiz com o critério N pelo qual *-teca* seria analisado como mais derivacional.

Ainda no que diz respeito a critérios de natureza semântica, o que se questiona em Gonçalves (2011) é se de fato existe estabilidade semântica em um item morfológico, uma vez que se observa, mesmo em unidades flexionais, a diversificação de sentidos. Para algumas teorias linguísticas, como a Gramática das Construções, de Langacker (2008), entre outros tantos estudiosos, os elementos são essencialmente polissêmicos e atualizam seus significados em compatibilização com as unidades com que se combinam.

Outro critério que define *-teca* como afixo, presente na tabela extraída de Gonçalves & Andrade (2016), diz respeito à questão de um formativo se atualizar ou não como palavra de livre curso na língua, critério B. Radicais têm essa característica; afixos, não. No caso de *-teca*, o que se observa é que não há atualização desse formativo como palavra na língua, visto que uma sentença como “eu tenho uma teca de brinquedos” se configuraria como estranha em PB, o que faz

com que o elemento aqui estudado apresente essa característica de afixo: é uma forma essencialmente presa.

Mais um critério estrutural que também traça um perfil sufixal para o item aqui estudado diz respeito ao posicionamento do elemento na construção morfológica, critério C. Todas as formações presentes no *corpus* (ver Anexo 1) deste trabalho mostram *-teca* ocupando a margem direita da palavra. Além disso, a própria literatura, como visto anteriormente (cf. 4.2), define o elemento como um item que ocupa a segunda posição. Tornam-se agramaticais, em PB, formações como “tecatexto” ou “tecabiblio”. Portanto, o item eleito para análise apresenta mais uma característica de afixo: a rigidez posicional.

Outro critério que também coloca o item aqui trabalhado mais próximo dos elementos derivacionais é o que atesta a possibilidade de coordenação entre os constituintes, característica essa dada aos radicais, mas não verificada nos afixos, critério F. Na pesquisa feita para este trabalho, sentenças como “eu tenho uma revista e uma brinquedoteca” jamais seriam interpretadas com a supressão de *-teca* no primeiro elemento da coordenação (“eu tenho uma revistoteca e uma brinquedoteca”). Logo, *-teca* apresenta mais uma característica de sufixo: o apagamento do primeiro uso em estruturas de coordenação, como ocorre com *-mente*, em “rápida e rasteiramente”, por exemplo.

Mais um ponto que aproxima *-teca* da classe dos afixos é o fato de não apresentar muitas palavras manufaturadas, mas criar séries de palavras naturalmente, sem considerar eventuais conhecimentos técnico-científicos do falante. A base apenas precisa ser algo “guardável” ou “coleccionável” em “algum lugar”, característica essa definida no critério S (cf. Quadro 1). Sendo assim, qualquer base que referencie ao elemento passível de ser colecionado, ou de criar um lugar, pode ser adjungida a *-teca*. Prova disso foi a formação de ‘namoradoteca’, criada na aula de pós-graduação da UFRJ (Gramática das construções, ministrado pela professora doutora Maria Lucia de Faria Leal no ano de 2015.2), no momento em que os alunos ouviram o significado de ‘maridoteca’. Apesar da brincadeira, a atitude dos alunos mostra que o formativo possibilita a criação de palavras de forma bastante natural. Isso justifica também um inventário bastante grande que compõe o *corpus* deste trabalho, com 75 palavras.

-*Teca* também constitui cabeça lexical das formações das quais participa, perfil que se encontra definido no critério E para a derivação. O conceito de núcleo deve ser destrinchado de três formas distintas. A primeira diz respeito ao elemento exercendo um papel de núcleo morfológico, ou seja, atribuindo gênero às construções. O item atribui gênero feminino a todas as palavras do *corpus* deste trabalho, mesmo quando se adjunge a bases masculinas como nos exemplos abaixo:

f) Gaboteca (Substantivo feminino. Não dicionarizada. Acervo online que reúne obras de Gabriel García Marques)

g) Filmoteca (Substantivo feminino .Coleção de filmes.)

h) Brinquedoteca (Substantivo feminino. Não dicionarizada. Sala onde se unem livros e brinquedos infantis.)

i) Espermoteca (Datação 1958. Substantivo feminino. Estrutura saculiforme na fêmea de muitos invertebrados, na qual são recebidos e armazenados os espermatozoides do macho.)

j) Heraidoteca (Substantivo feminino. Biblioteca (ou setor bibliotecário) especializada em material relacionado à heráldica(refere-se simultaneamente à ciência e à arte de descrever os brasões de armas ou escudos.)

A segunda maneira de conceber o núcleo de uma formação complexa é o que se conhece por cabeça categorial, que ocorre com o item quando responsável por atribuir classe ao produto. O que se observa no comportamento de *-teca* é que atribui classe às formações: ainda que se una predominantemente a substantivos, forma substantivos, principalmente nas novas formações, como nos exemplos a seguir:

k) Discoteca (Substantivo feminino. Coleção de discos ou lugar para se dançar.)

l) Mapoteca (Datação sXX.Substantivo feminino. Coleção de mapas e cartas geográficas.)

m) Textoteca (Substantivo feminino. Não dicionarizada. Coleção ou lugar onde se guardam textos.)

n) Revistoteca (Substantivo feminino. Não dicionarizada. Biblioteca de revistas.)

Apenas uma ocorrência do *corpus* mostra *-teca* se anexando a outros tipos de base. Em 'minhateca', temos um pronome possessivo que, ao se unir com o formativo, cria um substantivo. Esse caso reforça a tese de que *-teca* porta informação sintática, uma vez que forma substantivos.

A terceira maneira de conceber a ideia de núcleo é adotando uma perspectiva semântica, o que chamamos de cabeça semântica. Nesse tipo de núcleo, o formativo é responsável por ter um significado mais genérico, de maneira que a base a que se une modifique tal significado. Como já foi dito, *-teca* apresenta como possíveis significados "coleção", "lugar" ou até mesmo uma reinterpretação a partir de "biblioteca", ponto este que será trabalhado na seção 4.5.

Observou-se que, nas formações até então encontradas, o produto sempre especifica esses significados, que são gerais. Por exemplo, na palavra "diplomateca", é possível admitir, como significado da construção, "coleção de diplomas", ou seja, um conjunto (significado mais geral) de diplomas (significado mais específico). Portanto, *-teca* apresenta-se como núcleo semântico das formações em que é constituinte morfológico. Pode-se concluir, a partir da análise desse critério, que as construções aqui estudadas apresentam padrão DT-DM (determinante- determinado) e, por isso mesmo, apresentam cabeça lexical à direita. Sendo assim, o elemento apresenta mais uma característica de afixo, atributo esse presente no critério E.

*-Teca*, ainda no que diz respeito a seus significados, apresenta uma interpretação endocêntrica, critério P, ou seja, as partes dessas formações contêm sentidos que podem levar ao significado total da palavra. Essa característica aproxima o item da derivação, uma vez que em formações como "viúva-negra", nenhum dos elementos do composto oferece informações suficientes para que o

falante interprete tal palavra como “um tipo de aranha”. Assim, essa formação, diferentemente daquelas com *-teca*, é exocêntrica, pois o falante precisa acessar o seu conhecimento de mundo para interpretá-la.

Por conta também dessa característica, pode-se afirmar que as construções *X-teca* não têm interpretação holística, critério O, pois o falante acessa as partes para compreender o significado das formações *X-teca*, e não as interpreta de forma holística, o que, novamente, aproxima *-teca* da derivação.

Outro ponto que aproxima o formativo aqui estudado dos afixos é o fato de as formações com *-teca* não apresentarem flexão entre os constituintes, critério I. A única exceção seria a palavra ‘brincoteca’ que mostra um comportamento completamente diferente do investigado até então. Primeiro, é a única ocorrência em que o elemento se une a um verbo, mesmo mantendo o seu padrão de resultar em substantivos. Segundo, porque, nesta formação o verbo ‘brincar’ se encontra na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, como ilustra a reportagem a seguir:

“A BRINCOTECA DO JUAN, assim reinaugurada em 2012, foi criada em 1989 como Casa da Criança com diversos cantinhos aberto aos direito de brincar, tais como de brinquedos e livros, ateliê de artes e oficina, à escola da criança. Assumiu diversas funções, transformou-se em Biblioteca, depois em Brinquedoteca, foi ampliada, incluindo computadores para aprendizado da informática e outros equipamentos, sempre adaptando-se conforme a demanda.”

Disponível em: <http://vivacriancastl.blogspot.com.br/p/brincoteca-do-juan.html>  
Acesso em: 19/01/2017. Hora:17:52.

## Brincoteca do Juan



Disponível em: <http://vivacriancastl.blogspot.com.br/p/brincoteca-do-juan.html> Acesso em: 19/01/2017. Hora: 17:52.

Por fim, o *corpus* montado para esta análise, com 75 palavras, mostra o quanto esse elemento pode criar palavras em série. Então, se esse critério também for levado em conta, *-teca* apresenta mais uma característica de afixo: a produção em série. Esse critério é reforçado pelo fato de o formativo ser mais regular e por isso criar um conjunto mais completo de palavras, como mostra o Anexo 1. Mais uma vez, o elemento se comporta como sufixo. O quadro a seguir sintetiza o comportamento do formativo em relação aos critérios examinados:



| <b>Características Composicionais de <i>-teca</i></b>                          | <b>Características Derivacionais de <i>-teca</i></b>   |
|--|--|
|  | B- Forma presa   |
|  | C- Posição fixa (2º posição)   |
| D- Combina-se com vários elementos morfológicos                                |  |
|  | E- É cabeça lexical  |
|  | F- Não há possibilidade de coordenação entre os itens  |
|  | I- Flexão periférica   |
| J- Unidades com acento próprio   |  |
| L –Realiza uma palavra fonológica quando [o] aparece no final da primeira base | L- Realiza duas palavras independentes quando a primeira base apresenta [ɔ]/[ɛ] na sílaba tônica |
| M- Mantém propriedades prosódicas e segmentais da base                         |  |
|  | N- apresenta conteúdo mais geral, o que possibilita a combinação com muitas formas.              |
|  | O- Interpretação composicional   |
|  | P- Endocêntrica  |
|  | Q- Estável com funções sintáticas e semânticas predeterminadas                                   |
|  | R- Cria conjunto completos de palavras, porque é mais regular.                                   |

Quadro 2: atributos composicionais e derivacionais de *-teca*

Como podemos observar no quadro acima, o comportamento de *-teca* aponta para o fato de o elemento estar passando por uma mudança categorial. Assim, como em qualquer mudança, o elemento mantém algumas características de sua categoria anterior, radical, mas adquire novas características, de sufixo. Dessa maneira, comprova-se que os processos de formação de palavras, composição e

derivação, são escalares, uma vez que temos elementos transitando entre as duas categorias mais marcantes de cada processo.

#### 4.5 Ainda sobre significado: -teca em cruzamento vocabular

Na morfologia mais atual, existe um olhar para processos de formação de palavras que não são os que conhecemos na literatura mais tradicional. Esses processos são diversos, conhecidos de uma forma geral como “processos não concatenativos”. São eles: truncamento, reduplicação, hipocorização etc.

Um desses processos é mais conhecido como cruzamento vocabular ou *blending lexical*, muito embora haja outras denominações para o fenômeno. Trata-se de uma união de duas palavras pré-existentes que resultam em outra palavra. Nos termos de Andrade (2013), esse processo pode ser assim definido:

“Uma palavra morfológica, resultante da fusão de duas outras pré-existentes, que, ao mesmo tempo, reproduz e cria significados a partir das palavras que lhe serviram de fonte, como, por exemplo, *baiano* (<*baiano* + *mineiro*), *breganejo* (<*brega*+ *sertanejo*), *cháfé* (<*chá* + *café*), *marginata* (<*marginal* + *magnata*), entre tantas outras.”(ANDRADE, 2013, pp.47-48)

Há três maneiras de se criarem palavras por meio de cruzamento vocabular; contudo, a que nos interessa aqui é a conhecida como interposição lexical. Nessa maneira de criar palavras, duas bases são fundidas, uma vez que mantêm alguma semelhança fônica, ou seja, é uma espécie de entranhamento de bases que fazem a manutenção das semelhanças fônicas de variados tipos (segmentos, sílabas, traços, etc.).

Andrade (2013) usa como exemplo a palavra ‘namorido’, formada a partir das bases ‘namorado’ e ‘marido’. A autora observa que, por serem muito parecidas, facilita-se a união das bases.

Acredita-se que, por essas questões semânticas, *-teca* passou a participar de processos de formação de palavras não concatenativos, mais especificamente o do tipo 1 de cruzamento, a interposição lexical, uma vez que há uma combinabilidade por semelhança fônica. São casos como ‘barracoteca’, ‘revistoteca variando com revisteca’, ‘bicicloteca’ e ‘geladeiroteca’ que nos levam a crer que, nessas palavras, *-teca*, unida a barraco/revista/bicicleta/geladeira, faz alusão à palavra mais antiga e comum da língua, ‘biblioteca’, uma vez que essas novas formações, quando foram encontradas, sempre evocaram o significado de “biblioteca em/de...”, como ilustram as figuras e pedaços de reportagem a seguir:

#### 1- Barracoteca: uma biblioteca dentro de um barraco na favela:

“Sem pode sair de casa, finalizava “O livreiro do Alemão”—seu ingresso no mundo dos escritores—e preparava-se para instalar a primeira biblioteca do conjunto de 13 favelas da zona norte do Rio com quase 400 mil pessoas [...]Biblioteca? Na verdade, trata-se da "Barracoteca Hans Christian Andersen" -corrige Otávio.”

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/952401-livreiro-do-alemao-cria-barracoteca-na-favela.shtml>Acesso em: 26/09/2013 Hora: 20:50



Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/hoje-em-dia/videos/livros-invadem-o-complexo-do-alemao-no-rio-21102015> Acesso em: 17/01/2017 Hora: 15:36

#### 2- Revistoteca varia com revisteca. Um dos seus possíveis sentidos é “biblioteca de revistas”, que fica explícito em passagens como a seguinte:

“Inicia nesta segunda-feira, dia 16 de julho, a distribuição de milhares de revistas nas escolas municipais. A ação faz parte do “Revistoteca”, um

projeto a nível municipal que consiste na doação de revistas usadas. Foram arrecadadas cerca de 5 mil revistas que serão doadas às escolas municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental. As revistas servirão para compor o acervo das “revistotecas” nas escolas facilitando o acesso de todos os alunos a mais esta fonte de cultura”

Disponível em <http://www.carlosbarbosa.rs.gov.br/site/vernoticia.php?id=29> Acesso em: 05-09-2013HORA: 21:03

3-Bicicloteca: uma biblioteca itinerante, transportada em uma bicicleta. No início do seu clip “bora que o mundo é nosso”, o Mc Duduzinho aparece em uma bicicloteca trazendo novidades para as crianças. O clip do funk ilustra que esse projeto de biblioteca itinerante é bastante comum em cidades como São Paulo, como ilustra a figura retirada de uma matéria da Folha a seguir:



Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/empreendedor-social/minhahistoria/1178584-ex-morador-de-rua-dirige-bicicloteca-no-centro-de-sao-paulo.shtml> Acesso em: 17/01/2017 hora: 15:44

4- Geladeiroteca: biblioteca dentro da geladeira colocada na rua, a fim de disseminar o hábito de leitura entre os cidadãos, dado contextualizado na reportagem e na figura abaixo:

“Uma “geladeiroteca” reformada e personalizada com livros literários no seu interior estará ainda este mês no Paço Municipal, na Avenida Washington Luiz, 75, no Centro. A ideia é atingir o maior número possível de pessoas e disseminar o hábito da leitura tanto para o público adulto quanto para o infantil. Esta geladeira, que ganhou uma função especial, permanecerá fixa e será abastecida semanalmente com obras dos mais diferentes gêneros, entre elas, literatura, autoajuda, crônica, poesias.”

Disponível em: <http://www.diariodolitoral.com.br/itanhaem/geladeiroteca-recheada-de-livros-ficara-a-disposicao-do-publico-em/85504/> Acesso em: 25/01/2017. Hora: 22:00



Disponível em: <http://www.diariodolitoral.com.br/itanhaem/geladeiroteca-recheada-de-livros-ficara-a-disposicao-do-publico-em/85504/> Acesso em: 25/01/2017. Hora: 22:00

As palavras ‘barraco’ e ‘bicicleta’ iniciam-se com a bilabial sonora [b], assim como a palavra ‘biblioteca’. Ademais, em termos de tamanho, ‘barraco’, ‘resvista’, ‘biciclo’ e ‘geladeiro’ não são tão maiores do que “biblio’ e, além disso, essas bases também terminam com [o]. Por fim, em termos semânticos, ‘biblio’ lembra ‘livros’ mesmo que o falante não tenha conhecimento o suficiente para saber que essa palavra significa ‘livro’ em grego antigo. As ‘revistas’ são, por assim dizer, uma espécie de livros, o que levaria a uma semelhança semântica que possibilitaria a

criação dessa palavra. Todas essas semelhanças permitem que essas palavras se unam por um fenômeno definido como cruzamento vocabular<sup>10</sup>.

Portanto, *-teca* não só participa de processo mais regulares de formação de palavras como também se embrenhou pelos caminhos da morfologia não concatenativa, mostrando que um mesmo formativo pode participar de processos diversos, principalmente se este está em transição categorial

---

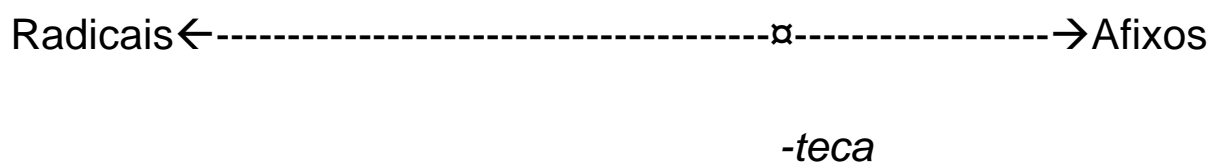
<sup>10</sup> O caso de 'geladeiroteca' parece atentar para o surgimento de novas formações a partir do fenômeno da substituição sublexical, uma vez que a sequência *-otec*a parece estar se especializando semanticamente em relação a *-teca*. Embora 'barracoteca' e 'bicloteca' evoquem, pelo tamanho e pela consoante inicial, a palavra 'biblioteca', o mesmo não pode ser dito em relação a 'geladeiroteca' e 'revistoteca', que não são casos de entranhamento.

## 5. PALAVRAS FINAIS

Observou-se que o elemento neoclássico estudado neste trabalho apresenta grande instabilidade categorial, o que fortalece a ideia de que há necessidade de os processos de formação de palavras em português serem analisados de forma escalar.

Como vimos no capítulo 4, *-teca* apresenta mais características derivacionais, ou seja, mais características de sufixo, mais especificamente, sendo elas 11 ao total, do que características de radical de segunda posição, que são apenas 4. Uma vez que a quantidade de características de afixos se sobrepõe à quantidade de características de radicais encontrada no mapeamento feito aqui, não há mais porque dizer que o item em questão é um radical, o que nos faz questionar a tradição gramatical e os dicionários, de um modo geral.

Na verdade, categorizações tão rígidas podem ser, nesses casos, prejudiciais para o entendimento de como os formativos se comportam, quando estes não são os protótipos de uma dada classe. Nesse sentido, uma análise gradual é mais eficiente para entender como um item se manifesta em uma dada formação. Como mostra o *continuum* abaixo, as formas *X-teca* estão mais próximas do polo derivacional, pois apresenta mais atributos de afixos:



O lugar ocupado pela partícula *-teca* na ilustração acima indica que provavelmente o item esteja passando por um processo de gramaticalização e, por isso mesmo, mudando de categoria. Como já foi dito anteriormente, sabe-se que esse elemento passou a atualizar novos significados e isso pode ter sido um dos

motivos que engatilharam essa mudança, principalmente no que diz respeito às novas formações.

Ademais, entende-se que a composição e a derivação podem não ser os únicos processos em jogo no que diz respeito a algumas palavras que contêm o elemento, como 'barracoteca' e 'geladeiroteca'. Como frisamos na Dissertação, algumas formações podem ter surgido de processos não concatenativos, pouco valorizados na literatura tradicional, mas que muito contribuem para o entendimento das formações, quando levados em conta.

O comportamento desse formativo ilustra, de uma forma abrangente, o motivo de os chamados compostos neoclássicos precisarem de uma análise pontual, ou seja, item por item. Muitos desses elementos estão em processo de mudança e diversos fatores irão trabalhar para que se comportem de distintas maneiras e, além disso, a própria composição neoclássica está recheada de outros formativos cuja categorização como radical (e neoclássico!) pode ser posta em xeque.

Assim, pode-se entender que as categorias aqui descritas (radical e afixo) fazem parte dos polos em uma análise escalar, proposta que não só é mais eficaz, como também prevê a mudança categorial dos elementos morfológicos ao longo do tempo. Comprovada nossa hipótese, vale ressaltar que os itens morfológicos estão a serviço dos falantes para que estes, devido a diversas necessidades de comunicação, criem novos vocábulos, uma vez que a língua é viva e sua morfologia reflete essa vivacidade.



## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMIOT, Dany; DAL, Georgette. Integrating Neoclassical Combining Forms into a Lexeme-Based Morphology. G. Booij, et al. (eds.), *On-line Proceedings of the Fifth Mediterranean Morphology Meeting (MMM5)*, University of Bologna, 2005.
- MATTOSO, CAMARA Jr., J. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- ANDERSON, Stephen R. *A-morphous morphology*, Cambridge, Cambridge University Press, v. 62, 1992
- ANDRADE, K. E. *Proposta de continuum composição-derivação para o português do Brasil*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. Orientador: Carlos Alexandre Gonçalves.
- AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa – digital*. São Paulo: Lexikon, 2009.
- AURÉLIO, Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BAUER, Laurie. The borderline between derivation and compounding. In DRESSLER, W. et al. (eds.) *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 97-108, 2005.
- BAUER, Laurie. Against Word-Based Morphology. *Linguistic Inquiry* 10/3, 1979
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.
- BOOIJ, Geert. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: W. Dressler et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, pp. 109-131.
- CAETANO, Maria do Céu. A meio caminho entre a derivação e a composição.: *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 5, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2010, pp. 131-140.
- CARDOSO, R. S. S. *O formativo petro- e o continuum morfológico*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2013
- COROMINAS, J. & PASCUAL, J. A. *Diccionario criticoetimologico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos, 1980.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- CUNHA, C. F. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. 1985. *Nova gramática do português contemporâneo*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010
- DUARTE, P. M. T. Contribuição para o Estudo do Pseudoprefixo em Português. São Paulo: *DELTA*, v. 15, n. 2, 1999a.

- DUARTE, P. M. T. O *Não*: Formador de palavras em Português? Revista do GELNE (Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste), ano 1, n. 2, p. 67-70, 1999b.
- DUARTE, P. M. T. O sufixo –mente em português. *Revista Philologus*, ano 15, n. 45. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009.
- GONÇALVES, C.A.V. & ALMEIDA M.L.L de. Língua portuguesa: identidade difusão e variabilidade. Rio de Janeiro: AILP/UFRJ, 2008.
- GONÇALVES, C.A.V. & ALMEIDA M.L.L de. *Diadorim*- interface morfologia-semântica, Língua & Discurso. Rio de Janeiro:Fac.Letras/UFRJ, 2008.
- GONÇALVES, C.A.V.; ALMEIDA, M.L.L. de. Por uma cibermorfologia:abordagem morfossemântica dos xenoinstituintes em português.In MOLLICA, MARIA cecilia;GONZALES,Marcos. (Org.). Linguística e Ciência da Informação: Diálogos possíveis. Curitiba: Appris, 2012, v.,p105-127.
- GONÇALVES, C. A. Composição e Derivação: Polos Prototípicos de um *Continuum*? Pequeno estudo de casos. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, 5 (1), p. 62-89, 2011a.
- GONÇALVES, C. A. Compostos Neoclássicos: Estrutura e Formação. *REVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Porto Alegre, 14, 2011b.
- GONÇALVES, C. A. V. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.
- GONÇALVES, C. A. V. Paitrocínio, tecno-macumba, maridoteca: o comportamento das formas combinatórias no português do Brasil. *Revista da ABRALIN*, Curitiba, v. 10 (2), p. 67-90, jul./dez., 2011c.
- GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. E.. A instabilidade categorial dos constituintes morfológicos: evidência a favor do continuum composição-derivação. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* (Online), v. 32, p. 261-294, 2016.
- GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. E.. El status de los componentes morfológicos y el continuum composición/derivación en portugués. *Linguística* (Madrid), v. 28, p. 3-24, 2012.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. *Atuais tendências em formações de palavras*. Rio de Janeiro: Contexto, 2016.
- HIGINO DA SILVA, N. *Diferentes perspectivas sobre o formativo AGRO: aspectos históricos, morfológicos e semânticos*. (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2009.
- KASTOVSKY, D. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: McConchie, R. W. *et al.* (eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, p. 1-13, 2009.
- LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. Nova Iorque: Oxford University press, 2008.

- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, :José Olympio, 2011.
- LÜDELING, Anke. *Neoclassical word-formation*. Berlin: Universität zu Berlin, 2004.
- MARCHAND, Hans. 1969. *The categories and types of present-day English word-formation*. 2nd rev. ed. München: Beck.
- MARTINET, A. *Conceitos fundamentais da Lingüística*. Lisboa: Presença, 1976.
- MELO, Camila Nunes de. *Derivação e composição: uma análise de -teca*. (Trabalho de conclusão final de curso). Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.
- MELO, Camila Nunes de. Primeiras notas sobre o comportamento do formativo -teca no português do Brasil. *Cadernos do NEMP*, n. 6, v. 1, 2015, p. 51-66.
- MICHAËLLIS, C. *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2007.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa* - Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- OLIVEIRA, Patricia Affonso y GONÇALVES, Carlos Alexandre. 2011. O Processo de recomposição e os formativos *eco-* e *homo-* no Português brasileiro: compressão semântica e análise estrutural. *Cadernos do NEMP*, 2: 171-184. Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, P. A. de. O estatuto morfológico dos formativos *eco-* e *homo-* no português brasileiro. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.
- PETROPOULOU Evanthia & ten Hacken, Pius (2002), "Neoclassical word formation in WM electronic dictionaries", in Braasch, Anna & Povlsen, Claus (eds.), *Proceedings of the Tenth Euralex International Congress, Copenhagen - Denmark, August 13-17, 2002*, p. 169-174.
- PETROPOULOU, Evanthia. *On the parallel between neoclassical compounds in English and Modern Greek*. *Patras Working Papers in Linguistics*. Atenas, vol.1, 2009, p. 40-58
- PIRES, J. A. O. O estatuto morfológico do formativo -dromo no português brasileiro. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.
- PRĆIĆ , Tvrtko. 2008. Suffixes vs. final combining forms in English: a lexicographic perspective. *International Journal of Lexicography* 21 (prepublication) Shorter Oxford English Dictionary on Historical Principles. 1993. Oxford: Clarendon Press
- PRĆIĆ ,Tvrtko. 2005. Prefixes vs initial combining forms in English: A lexicographic perspective. *International Journal of Lexicography* 18. 313–334.
- Prčić, Tvrtko. 2007. Headhood of suffixes and final combining forms in English word formation. *Acta Linguistica Hungarica* 54. 381–392.
- RALLI, A. Compound markers and parametric variation. *STUF-Sprachtypologie und Universalienforschung*, v. 61, n. 1/2008, p. 19-38, 2008b
- RALLI, A. Greek deverbal compounds with bound stems. *Journal of Southern Linguistics*, v. 29, n. 1/2, p. 150-173, 2008a. 168

ROCHA LIMA, Luiz. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975

RONDININI, R.B. & GONÇALVES, C.A.V. Formações X-logo e X-grafo: um caso dedeslocamento da composição para a derivação? In.: *XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)*. Lisboa: Colibri, v. 22, 2006. p. 533-546.

SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et labor; Ícone, 1989.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

TAVARES DA SILVA, J. C. *O estatuto morfológico do formativo eletro- em português*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

VILLALVA, A. Formação de palavras:composição. In Mira Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*,p.969-983.Lisboa:Caminho, 2003.

WARREN, Beatrice (1990). "The Importance of Combining Forms." In W. Dressler et al. (eds), *Contemporary Morphology*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 111-132.

Webster's New International Dictionary. 1994. 2nd ed. Springfield, Mass.

#### Sites:

<http://poracaso.com/shopping-de-blumenau-cria-maridoteca-para-os-homens-acompanham-mulheres-nas-compras/>

<http://independenciashopping.net.br/?pagina=novidade&id=334>

<https://www.youtube.com/watch?v=vMzaKcl5wAU>

<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2013/02/homens-ganham-maridoteca-para-esperar-mulheres-em-shopping-de-mg.html>

<http://vivacriancastl.blogspot.com.br/p/brincoteca-do-juan.html>

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/952401-livreiro-do-alemao-cria-barracoteca-na-favela.shtml>

<http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/hoje-em-dia/videos/livros-invadem-o-complexo-do-alemao-no-rio-21102015>

<http://www.carlosbarbosa.rs.gov.br/site/vernoticia.php?id=29>

<http://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/minhahistoria/1178584-ex-morador-de-rua-dirige-bicicloteca-no-centro-de-sao-paulo.shtml>

<http://www.diariodolitoral.com.br/itanhaem/geladeiroteca-recheada-de-livros-ficara-a-disposicao-do-publico-em/85504/>

## Anexo 1: Dados X-teca

1.Adesivoteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Loja especializada em produção de adesivos decorativos.

2.Alogteca: Substantivo feminino. 1-Coleção de algas ou microalgas. 2- Local onde estão reunidas algas ou microalgas.

3.Animateca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Biblioteca de recursos didáticos multimídia de meio ambiente do projeto Eco-Animação.

4.Bebeteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Biblioteca infantil

5.Biblioteca: Datação: 1536.Substantivo feminino. Coleção pública ou privada de livros e documentos congeneres, para estudo, leitura, e consulta.

6.Bicloteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Biblioteca itinerante na bicicleta que aparece no clip do cantor de funk Mc Duduzinho, música “O mundo é nosso”.

7.Brincoteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Espaço para crianças brincarem, lerem ou praticarem atividades culturais diversas.

8.Bijuteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Coleção ou lugar para guardar bijuterias.

9.Brinquedoteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Sala onde se unem livros e brinquedos infantis.

10.Borracholoteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Biblioteca dentro de uma borracharia em Minas Gerais.

11.Cadernoteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada.Plataforma de compartilhamento colaborativo de conteúdos relacionados à engenharia, e de informações sobre a Escola Politécnica.

- 12.Carioteca: Substantivo feminino. Membrana nuclear
- 13.Carpoteca: Substantivo feminino. Coleção de frutos preservados para fins científicos.
- 14.Carroteca:Substantivo feminino. Não dicionarizada. Loja para aluguel de carros.
- 15.Cinemateca: Substantivo feminino. Local onde se guardam filmes, esp. os de valor cultural e artístico, e que tem sala de reprodução.
- 16.Cremateca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Coleção de cremes.
- 17.Dvdteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Coleção de DVDs.
- 18.Discoteca:Substantivo feminino. Coleção de discos ou lugar para se dançar.
- 19-Diplomateca:Substantivo feminino. Não dicionarizada. Bibliotecade diplomas.
- 20.Datiloteca: Datação 1899.Substantivo feminino. 1- Pele que envolve os dedos dos mamíferos.2-Arquivo, coleção ou conjunto de impressões digitais.3- Artefato usado para manter os dedos estendidos.
- 21.Datilioteca: Datação a1958. Substantivo feminino. 1-Local onde se guardam anéis e jóias em geral.2- recipiente onde se guardam joias.3-Coleção de anéis, joias, pedras, etc.
- 22.Enoteca:Datação 1963. Substantivo feminino.1-Coleção de garrafas de vinho destinadas a exposição.2- Negócio de venda de vinhos.
- 23.Epiteca: Substantivo feminino. 1- Metade superior da frustule das diatomáceas ou da lorica das peridiniáceas. 2- Nos dinoflagelados, teca que cobre a epivalva.
- 24.Esmaltoteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Coleção ou lugar de guardar esmaltes
- 25.Espermateca: Datação a1958. Substantivo feminino. Estrutura saculiforme na fêmea de muitos invertebrados, na qual são recebidos e armazenados os espermatozóides do macho.

- 26.Filmoteca: Substantivo feminino .Coleção de filmes.
- 27.Fonoteca: Substantivo feminino.1- Coleção de documentos sonorous( gravações em discos, fitas, etc). 2-Local onde se guarda essa coleção.
- 28.Fototeca: Datação sXX. Substantivo feminino.1- Coleção de fotografias.2-Local ou dispositivo em que essa coleção é armazenada.
- 29.Fitoteca: Substantivo feminino. 1- Coleção de fitas (esp. magnéticas) contendo gravações de músicas e de documentos sonorous em geral ( vozes humanas e de animais, sons da natureza, etc.).2- Local em que são arquivadas essas fitas.
- 30.Futebolteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Biblioteca pública com foco exclusivo no futebol.
- 31.Gaboteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Acervo online que reúne obras de Gabriel García Marques
- 32.Gameteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Coleção de games ou local na biblioteca reservado par guardar ou jogar games.
- 33.Geladeiroteca: Susbtantivo femini. Não dicionarizada. Um biblioteca dentro de uma geladeira.
- 34.Gibiteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Biblioteca ou espaço na biblioteca destinada aos Gibis.
- 35.Grafoteca: Substantivo feminino.1-Coleção de gravuras.2-lugar onde se fica guardada essa coleção.3-Museu ou setor de um museu dedicado a gravuras.
- 36.Gliptoteca: Datação 1899. Substantivo feminino.1- Local, museu ou parte de um museu onde se conserva a coleção de pedras gravadas e de esculturas. 2-Essa coleção.
- 37.Hemeroteca: Datação sXX. Substantivo feminino. Secção de biblioteca onde estão livros e revistas.

- 38.Heráldoteca: Substantivo feminino. Biblioteca (ou setor bibliotecário) especializada em material relacionado à heráldica (refere-se simultaneamente à ciência e à arte de descrever os brasões de armas ou escudos.)
- 39.Hispanoteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Portal de língua e culturas hispanas.
- 40.Hoploteca: Substantivo feminino. 1- Conjunto, coleção de armas.2- Local onde se guardam armas.
- 41.Iconoteca: Substantivo feminino. Local onde se guardam imagens.
- 42.Infoteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. O serviço Informação Tecnológica em Agricultura (Infoteca-e) reúne e permite acesso a informações sobre tecnologias produzidas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)
- 43.Jogoteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Espaço físico destinado para utilização dos mais diversos tipos de jogos de raciocínio.
- 44.Lembrançoteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Loja online que vende lembracinhos.
- 45.Linguateca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Centro de recursos distribuído para a língua portuguesa.
- 46..Litoteca: Substantivo feminino. Dependência de uma oficina litográfica onde ficam armazenadas as pedras.
- 47.Mapoteca: Datação sXX.Substantivo feminino. Coleção de mapas e cartas geográficas.
- 48.Maridoteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Local no shoppings de São Paulo no qual os maridos aguardam as mulheres enquanto essas fazem compras.
- 49.Mangateca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Biblioteca de revistas do tipo manga.



50. Mediateca: Datação 1979. Substantivo feminino. 1- Conjunto de diversos meios de informação e cultura (diapositivos, filmes, livros, jornais, discos, CDs, videocassetes, etc) reunidos em um só local, abertos ao público para consultas ou empréstimos. 2- Instalações onde fica esse conjunto.

51. Meloteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. sítio de músicas e artes lançado em 2003 por António José Ferreira

52. Microfilmoteca: Substantivo feminino. Coleção, depósito e/ou arquivo de microfilmes organizados e catalogados

53. Microfototeca: Substantivo feminino. Coleção ou arquivo de microfotografia.

54. Minibiblioteca: Substantivo feminino. 1- pequena biblioteca. 2- biblioteca itinerante.

55. Minhateca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. site para arquivar e compartilhar arquivos gratuito e sem espaço limitado e com muitos arquivos para baixar.

56. Modateca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Acervo de material destinado à memória da moda no Sesc São Paulo.

57. Oftalmoteca. Datação 1873. Substantivo feminino. Na pupa, parte da cutícula que recobre os olhos.

58. Perfumoteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Loja que vende perfumes.

59. Pinacoteca: Substantivo feminino. Museu de pintura.

60. Poemateca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Coleção online de poemas e frases.

61. Publiteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. espaço dedicado a compartilhar eBooks relacionados a publicidade, marketing, etc.

62.Podoteca: Datação 1899. Substantivo feminino. 1-Revestimento córneo dos pés das aves e répteis.2- nas pupas dos insetos, o invólucro das patas.

63.Pornoteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Coleção ou lugar onde se guarda a coleção de filmes pornográficos.

64.Ranfoteca:Substantivo feminino. Revestimento córneo de bico das aves.

65.Receitoteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Canal criado pelo Mc Donalds que guarda receitas divertidas para crianças, a fim de ensiná-las.

66.Resvistoteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Biblioteca de revistas.

67.Sapateca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Nome da loja de sapatos femininos.

68.Sapotecateca; Substantivo feminino. Não dicionarizada. Salão de festas para crianças.

69.Sonoteca: Datação d1975. Substantivo feminino. 1- Arquivo onde se guardam as gravações de diversos ruídos , sons e vozes, para serem usados em filmes, montagens teatrais, programas de televisão, emissões radiofônicas, etc.2 – local ou armário onde fica esse arquivo.

70.Tecoteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Loja que vende artigos de computador.

71.Teciteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Biblioteca de tecidos.

72.Textoteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Coleção ou lugar onde se guardam textos.

73.Vestidoteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Loja virtual que vende vestidos.

74.Vinoteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Local ou coleção de vinhos.

75.Xeroteca: Substantivo feminino. Não dicionarizada. Coleção de Xerox ou lugar

onde se guarda tal coleção.

## Anexo 2: Textos para teste fonológico e semântico

### TEXTO 1:

#### **Colecione**

O ser humano demonstra uma tendência fabulosa por guardar objetos, o que é algo incrível, pois são através desses que, muitas vezes, podemos recuperar nosso passado. Entendendo a importância desse armazenamento, diversas tecnologias foram desenvolvidas a fim de facilitar essa árdua tarefa. Mesmo assim, ainda há aqueles que preferem conservar pertences significativos de forma mais tradicional.

Dentre as pessoas que têm o hábito de guardar objetos, encontramos os colecionadores. Suas coleções, a depender do objeto colecionado, podem ganhar nomes específicos. Por exemplo, se estamos colecionando vinhos com cores, gostos e texturas diferentes, conservados em um ambiente específico, podemos dizer que temos uma enoteca

Contudo, guardar objetos em lugares ocupa muito espaço e a tecnologia muito tem ajudado nesse sentido, principalmente no que tange o processo de armazenamento de elementos que se tornaram menos táteis. Virtualmente, podemos agrupar textos, músicas, vídeos, fotografias, etc. Essas coleções também podem ter uma denominação específica. As reuniões dos objetos citados poderiam ser batizadas de textoteca, musicoteca, videoteca e fototeca.

Há ainda pessoas que, por precaução, mantêm suas coleções guardadas nos dois lugares, físico e virtual. Os livros, por exemplo, são utensílios que ocupam o meio físico, mas também passaram a participar do meio virtual, uma vez que acompanharam as inovações da tecnológicas. Por isso mesmo, podemos nomear como biblioteca tanto salas que armazenam esses objetos, quanto arquivos de computador.

Às vezes, os nomes das coleções são também responsáveis por batizar lugares, como no caso de pinacoteca, nome de um museu que guarda pinturas.

Coleções como as que nos estamos referindo aqui são de extrema importância para a recomposição da história humana, uma vez que podem revelar gostos, costumes e até mesmo pensamentos de uma época.

Não importando a maneira de como vamos guardar as nossas memórias, essa é uma atividade muito importante, pois além de nos manter em contato com a nosso passado, nos faz reconstruí-lo e, ao fazemos isso, podemos aprender ainda mais sobre a história e repensar as atitudes futuras.

TEXTO 2:

### **Colecionando palavras**

Você sabia que as coleções podem ter nomes diferentes a depender do objeto colecionado? Sim, muitas pessoas desconhecem essas nomenclaturas ou até mesmo pensam que esses nomes não existem. Contudo, eles estão aí a todo vapor. Por exemplo, você conhece o significado da palavra enoteca? E pinacoteca? Essas palavras fazem referência à coleção ou ao lugar onde se colecionam vinhos e pinturas, respectivamente. Pois é, esses nomes são bastante incomuns, mas aparecem há muito tempo nos dicionários de língua portuguesa.

Por outro lado, existem nomes que ainda não foram incorporados ao manuais, mas que são bastante utilizados pelos usuários da língua. Alguns deles são: textoteca, musicoteca, videoteca e fototeca. Essas palavras dizem respeito a coleções de textos, músicas, vídeos e fotografias, respectivamente, e são muito mais comuns do que as anteriores.

Existem palavras tão comuns na língua, que o falante mal percebe que elas podem significar coleção. Um exemplo disso é biblioteca. De tão comum, as pessoas parecem se esquecer de que essa palavra também significa coleção de livros.

Além disso, a utilização em massa de palavras muito antigas e corriqueiras na língua, como biblioteca, podem acabar transformando significado do verbete. Hoje, a palavra biblioteca, além de significar coleção de livros, também significa lugar onde nós guardamos muitos livros.

Existem milhares de palavras que fazem referência à coleção e outras milhares que foram inventadas para dar conta desse significado, mas que ainda não

foram dicionarizadas. Procure pesquisá-las, garantimos que você irá se surpreender com essa nova descoberta.

#### PERGUNTAS:

- 1- Dentre as coleções citadas no texto, você conhecia alguma? Qual/quais?
- 2- Você coleciona alguma coisa? Como você chamaria a sua coleção?
- 3- Quantas coleções foram citadas no texto e quais são elas?
- 4- De que maneira você preferiria guardar a sua coleção?
- 5- O que seria uma fototeca?
- 6- Você acha que guardar objetos é importante? Justifique.
- 7- Se biblioteca é uma coleção de livros ou um lugar onde se reúnem diversos livros, diga se as palavras abaixo referem-se apenas a coleções ou também são responsáveis por nomear lugares:
  - a) Cinemateca
  - b) Maridoteca
  - c) Discoteca
  - d) Bijuteca
  - e) Gamoteca
  - f) Ludoteca
  - g) Brinquedoteca
  - h) Revisteca